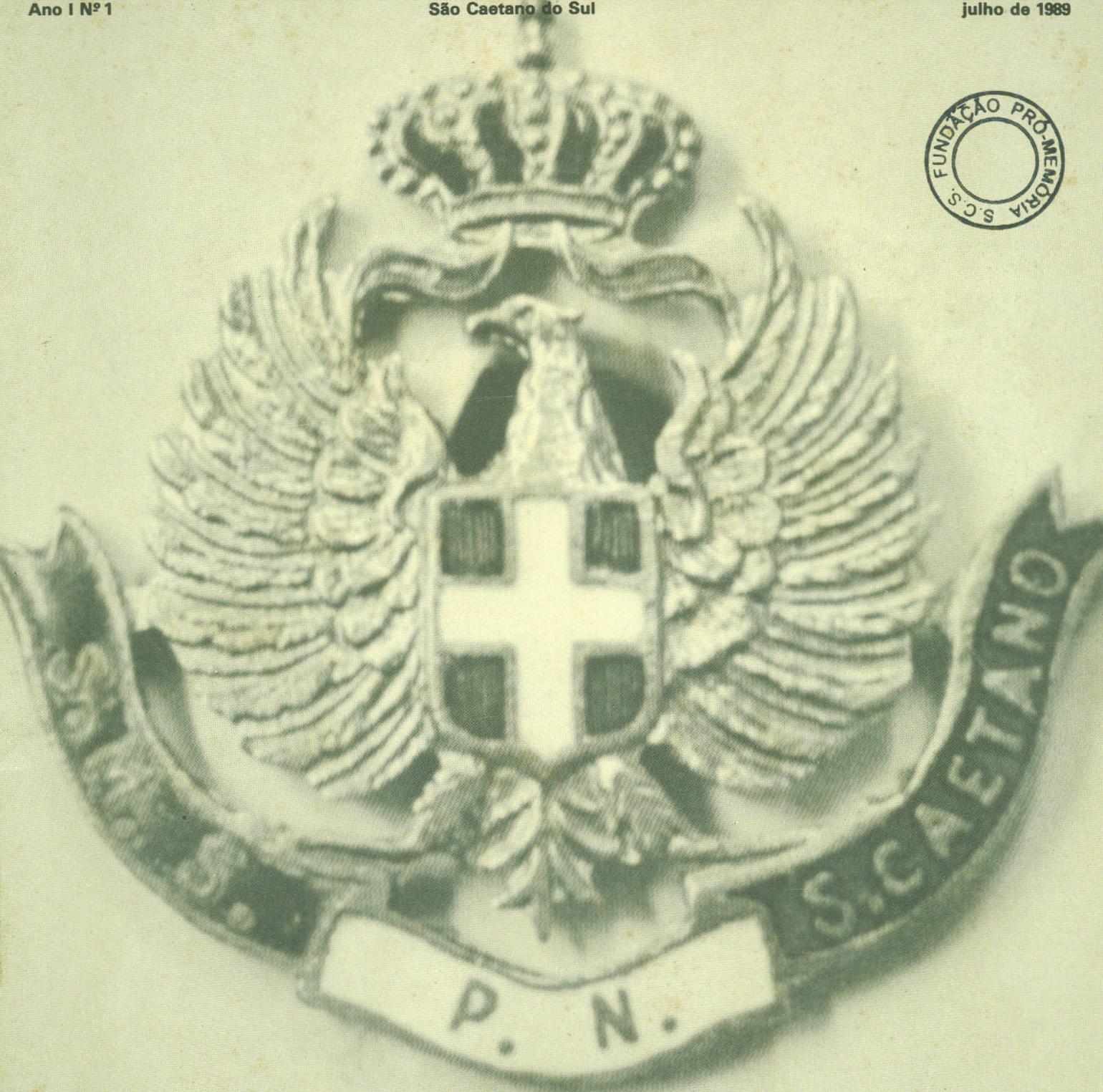


RAÍZES

Ano I Nº 1

São Caetano do Sul

julho de 1989



Sinal verde para divulgar pesquisa

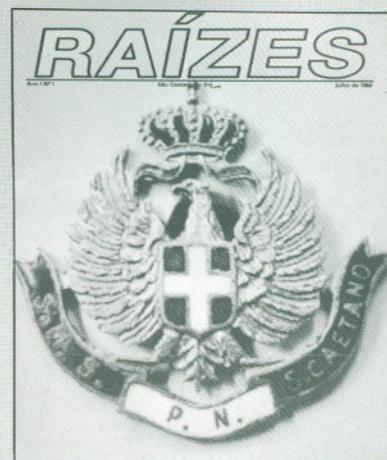
O lançamento da revista *Raízes* marca uma nova e importante etapa na divulgação e incentivo a pesquisas referentes à História — antiga e recente — de São Caetano do Sul. Concebido como espaço aberto à colaboração daqueles que se vêm dedicando, com seriedade e assentados na metodologia científica, ao resgate da memória, objetiva registrar os mais diversos aspectos da formação econômica e sócio-cultural do Município.

Com efeito, São Caetano do Sul tem História para contar, resgatar e divulgar, seja no período compreendido entre o assentamento da vila de Santo André da Borda do Campo e o governo do Marquês de Pombal, seja em épocas mais recentes, como o da imigração italiana, dos movimentos sociais do início deste século e no fazer cotidiano.

Sob a óptica das modernas técnicas de pesquisa de História Social, torna-se de interesse extremo verificar, por exemplo, a inter-relação de grupos étnicos de origem variada, como italianos, japoneses, ucranianos, espanhóis, portugueses, latino-americanos e brasileiros de muitos Estados do Norte-Nordeste na nova teia de relações sociais tecidas nesta cidade de vocação cosmopolita. De modo similar, os movimentos sociais estão à espera de trabalhos que lhes resgatem o peso e valor exatos no contexto em que estão inseridos.

Raízes vem impregnada da idéia de que o homem comum não é apenas ator da História, mas seu autor diário. Concebida como publicação semestral, visa difundir, ao mesmo tempo, o trabalho que vem sendo elaborado pelo Museu Histórico Municipal, pelo grupo de pesquisadores da região e por pesquisadores que atuam no âmbito acadêmico. Expansão urbana, a ascensão social de diversos grupos, a alteração do meio ambiente e a necessidade de preservá-lo, a manutenção de tradições culturais heterogêneas são temas que devem merecer atenção. Afinal, está sendo dado sinal verde para a pesquisa séria e para o debate dos diversos aspectos de nossa própria História.

O Editor



Capa: Broche de lapela da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli



Última página: Avenida Conde Francisco Matarazzo, com rua João Pessoa, na década de 30. Prédio de Guilherme da Silva Dias. Pela rua João Pessoa podem ser vistos detalhes da antiga Funerária e do Armazém O Barateiro. Pela avenida, pormenores do Armazém O Barateiro, a Agência da Prefeitura, a farmácia São Paulo, a Alfaiataria Tegão e o Bar do Nono.



RAÍZES

Publicação da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura de São Caetano do Sul
Ano I Número 1
Avenida Goiás, 600, 3º andar CEP 09520 Telefone: (011) 441-1634
Telex: 1144938

Editor/ Jornalista responsável:

Aleksandar Jovanovic
(Mtb 13165: sjpesp 7290)

Conselho Editorial:

Aleksandar Jovanovic, Claudinei Rufini, Henry Veronesi, Mário Botteon, Oscar Garbelotto, Sônia Maria Franco Xavier, Valenzio Petrolli

Fotos: José Honório de Castro, Luciano Vicioni, Gilson C. dos Santos, Museu Municipal de São Caetano do Sul, arquivos particulares de Ademir Médici, Henry Veronesi e Valenzio Petrolli.

Diagramação: Antonio Devanir Leite Júnior (MTB 19.866)

Past-up:

Ana Lucia Tolentino

Composição e impressão: Diário do Grande ABC S/A, rua Catequese, 562, Santo André (SP)

A revista *Raízes* está aberta à colaboração de pesquisadores da História do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Originais encaminhados à Redação da revista não são devolvidos, exceção feita a fotografias. As opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Índice

Página 4

Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros
Oscar Garbelotto

Página 7

Olarias trazem industrialização à cidade
Sônia Maria Franco Xavier

Página 10

No tempo da gabirola
Henry Veronesi

Página 13

No tempo dos ladrilhos de cimento
Mário Botteon

Página 14

O comércio tem história para contar
Claudinei Rufini

Página 17

Marcofilia: a rica filatelia de São Caetano do Sul
Valdenizio Petrolli

Página 29

Pioneirismo na luta contra a poluição do meio ambiente
Antonio de Andrade

Página 32

Memória do trabalho e do trabalhador
Ademir Médici

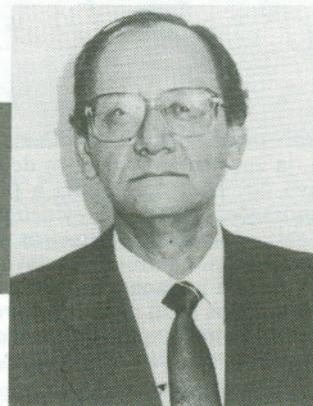
Página 36

Homenagem
Nicola Perrella marcou uma época

Página 39

Reportagem
Museu Histórico elabora amplo programa para 89

Em defesa da memória



Entendemos que a cultura é nossa tomada de conhecimento do melhor que se tem sabido e dito no mundo, e assim da história do espírito humano. Passamos por ele e, de geração em geração, criamos um futuro, na economia, nas ciências, nas artes, nos esportes, religião e em todos os segmentos da realidade social.

São Caetano do Sul tem uma grande história, secular que é, e mostra raízes espelhadas desde a colonização do Brasil. Muito se conhece, os escritos aí estão, mas escapam dos letristas, contistas, historiadores, poetas e escritores muitas passagens, que, pelo seu folclore, constituem arcabouço raro que deve ficar anotado, conhecido, e formar acervo histórico.

Como agir é o feito de uma só pessoa e deliberar é o feito de várias pessoas, a atual Administração Municipal deliberou sedimentar a história de São Caetano do Sul e vivê-la de formas diversas. Entregaremos até o final de nossa atuação executiva a "Fundação Pró-Momória", para o que já contratamos estudos de museólogo de envergadura e ali viveremos nossa cidade, com entusiasmo raro de atual geração, formada por gente de todas as terras do Brasil, mas seguros do que representam para a história de São Caetano do Sul. Iniciativa pública conjugada à empresa privada favorecerá a valia e efetivação do projeto.

E hoje lançamos, também, com objetivo idêntico, a revista semestral Raízes vamos sedimentar a cultura, sistema de idéias vivas que cada tempo possui. Melhor: o sistema de idéias das quais o tempo vive.

Como Prefeito Municipal, cumprimos nosso dever na área cultural. Como cidadão e munícipe comungo o gigantismo da "terra das olarias". Com todas as dificuldades e problemas que nossa cidade possui, querê-la grande, enriquecida, pródiga e feliz. Cidade de conquistas.

São Caetano do Sul, julho de 1989.

Luiz Olinto Tortorello

Prefeito Municipal

(1989 / 1992)

Da velha capela de 1877 à Matriz Velha de 1927: o símbolo da religiosidade dos pioneiros

Oscar GARBELOTTO (*)

Ao completar cinquenta anos, São Caetano era uma cidade adulta, já apresentando desejos de emancipação administrativa dos laços que ainda a prendiam a Santo André. Nas comemorações de 1927 era evidente um forte sentimento de saudade pela ausência dos primeiros colonos italianos, naquela data. Apenas Giovanna Moretti restava dos velhos colonos: "Tutti morti", dizia a italiana, com um espírito que exprime o desejo da comunidade local de tê-los de volta para presenciar as comemorações da vitória que fora, acima de tudo, deles.

Exatamente cinquenta anos após a data de 28 de julho de 1877, assim se expressava Renato Belluci na introdução de seu livro editado especialmente para comemorar o cinquentenário de fundação da cidade de São Caetano: "Pagine di verità e di vita: modesta reinvocazione di um avvenimento che cinquant'anni addietro fu compiuto, com la serena ingenuità dei forti, quando un pugno di contadini veniti pose le tende in una località quasi deserta che divenne, nel breve volger di anni, un centro così poderoso di vita e di lavoro" (1).

A data foi tão importante que comportou também a edição de um álbum comemorativo, organizado por Roberto Capri, conhecido escritor paulista que se dedicava a compilar a história das cidades e editar obras em momentos importantes destas cidades.

Era muito forte e religiosidade daqueles primeiros colonos, manifestada pela busca constante dos atos de fé; pela verdadeira obsessão com que se lançaram na conquista da palavra de Deus, através de um sacerdote, quase sempre ausente naqueles longos anos que precederam o cinquentenário. A velha igreja que assistiu à chegada dos colonos era o ponto de encontro de São Caetano.

Vejo a chegada dos italianos; instalações precárias os abrigam em torno de uma pequena capela, surgindo aí o primeiro pólo aglutinador e o sustentáculo para tudo o que ocorreu posteriormente.

A partir desta época iniciada exatamente há quase 112 anos, buscamos, na documentação histórica e nos depoimentos dos mais antigos, a verdadeira imagem do cotidiano difícil dos primeiros colonos; mas o dia-a-dia feliz também, onde havia lugar para a alegria, as festas, as reuniões, além do trabalho árduo contra as condições locais adversas. É certo que houve momentos extremamente críticos, marcando a vida daqueles homens, mas não podemos ignorar que, acima de tudo, eram pessoas comuns, com sentimentos, religiosidade, amor, e, acima de tudo, gente forjada nas dificuldades campesianas de sua terra de origem, que sabiam su-



Padre Luiz Capra
Primeiro vigário da Paróquia de Santo André. Esta mesma imagem foi reproduzida em muitos lares da região, após a sua morte, em 1920.



Igreja em 1908

Já ampliada, em 1908, a velha igreja ganha os contornos atuais. Os arcos de bambu e as palavras escritas ao alto — *Viva Santo Antônio* — indicam a época de festas juninas. A torre não existia ainda, mas uma rústica cobertura dava proteção aos sinos já instalados. Os três sinos haviam sido fundidos em 1883, na Oficina Mecânica de A. Sydow, e pesavam 86,3 quilos (21). A foto retrata o momento de saída da procissão de Santo Antônio.

portar as costumeiras adversidades proporcionadas pelas agruras da vida. E aí foi a grande vitória do colono; a vitória de uma personalidade forte, aliada a muito trabalho perseverante e diuturno. Sob todos os aspectos eles venceram. Foi uma vitória real encontrada até nas pequenas coisas, na sua conduta, na sua maneira de ser, de festejar, de construir, de legar um passado possível de ser debatido, interpretado e amado.

Esse passado, no entanto, não é fantasia ou mistificação da história, mas um legado deixado pelos sentimentos familiares, depoimentos e por documentos carinhosamente guardados.

Desde a chegada dos italianos nestas terras, quando são abrigados em instalações precárias em torno da pequena capela, surgiu o primeiro ponto de encontro, o natural pólo aglutinador da comunidade que se formava e o sustentáculo para tudo o que ocorreu posteriormente: a igreja.

Cefados pelas enormes dificuldades das primeiras décadas da colonização quase todos os colonos chegados em 1877 não alcançaram as comemorações de 1927. Salienta José de Souza Martins" que até o dia 20 de outubro de 1877, já haviam morrido 18 pessoas — uma morte a cada cinco dias, uma freqüência alta num grupo de pouco mais de 150 pessoas, menos de 40 famílias." (2)

Mas se triste era reconhecer a luta e o sofrimento dos pioneiros para superar todos os obstáculos que lhes foram impostos, forçoso reconhecer também a indiscutível vitória apresentando aos descendentes, já em 1927, uma cidade emergente. E ao lado da Matriz Velha, enquanto aguardavam as palavras evocativas do dr. Hugo Ribeiro, que precederiam a inauguração da lápide de mármore homenageando os fundadores, seus filhos, por certo, lembravam do que seus pais contavam: "Una piccola chiesa di un 20 metri quadrati con accanto una misera capanna abitata da due copie di schiavi é quanto formava 1' abitato di allora." (3)

Extremamente religiosos, os colonos procuraram refúgio es-

piritual na pequena capela, então já dedicada a São Caetano e em torno dela e na devoção ao santo adotado, passaram a acontecer os fatos na pequena colônia. A assistência religiosa era um dos itens prometidos pelos agenciadores quando recrutavam braços para a lavoura. No entanto “até mesmo na concessão de supostos direitos aos imigrantes havia uma sutil espoliação que acentuava ainda mais a sua condição de objeto de uma grande transação” (4). E como outros direitos, a assistência religiosa também foi dificultada aos colonos.

A religiosidade do italiano, no entanto, era a mola propulsora que o levaria à frente. E a capela, desde logo, mereceu os necessários reparos e deixou de ser lugar onde se abrigavam animais vagabundos (5), passando a ser lugar mais adequado para as orações, reuniões e, de quando em quando, para assistir missa que padres, vindos de São Paulo ali celebravam. Foram os primeiros passos de “crescimento” da nova colônia.

Sempre em torno da capela, a fé, aliada a uma forte perseverança, dava impulso à colônia. Há um relato significativo do Pe. Luiz Capra, primeiro vigário da então enorme paróquia de Santo André (ia de S. Caetano até o Alto da Serra), a fls. 19, 20 e 21 do Livro de Tombo da Paróquia, no ano de 1912, referindo-se à vida das primeiras famílias de S. Caetano em 1877: “Todos os domingos, estes colonos, dos mais religiosos, reuniam-se na capela. De vez em quando convidavam um sacerdote de S. Paulo, que deviam gratificar com 100\$000. Nos anos seguintes vieram inúmeras famílias e formou-se depois uma irmandade de S. Caetano à qual deram o nome muitas distintas senhoras da capital. Foi esta irmandade (que agora não existe) que em 1883, promoveu uma grande festa em louvor de São Caetano. Todos os anos o vigário do Brás, padre José M. Homem de Mello, ao qual pertencia este núcleo colonial é que costumava vir rezar missa no dia 7 de agosto, festa do padroeiro. Desde 1884, o povo começou a nomear uma comissão de fabriheiros que tomava conta da capela.” (6)

Tudo indica que, como resultado desta “comissão de fabriheiros” constituída a partir de 1884, a capela mereceu sua primeira ampliação conforme relata Renato Bellucci. “Nel 1884 fu completamente restaurata ed ingradita la chiesa...” (7). A assistência religiosa passou a ser mais frequente a partir de 1889, quando fixou residência em S. Caetano um padre metropolitano, com capelão, de nome Felice (8) também conhecido por Don Bovi (9). A ele, segundo as mesmas fontes, os colonos pagavam uma mensalidade de 150\$000 e a casa; com a saída do Padre Felice, no mesmo ano, substituiu-o o Padre Remiglio Pessotti, que aqui ficou até o ano de 1900.

Como se observa nesta primeira fase, apenas por um curto período de quase dois anos é que os colonos tiveram uma assistência religiosa permanente. A partir de 1900, com a saída do Padre Remiglio Pessotti, “foram quase sempre os missionários de São Carlos, residentes no Orfanato Cristovam Colombo, que vieram celebrar missa, assistir os doentes, em São Caetano” (10). Nada se fala sobre a frequência dos padres do orfanato em São Caetano, mas segundo relatos que chegamos a ouvir dos mais antigos, apenas com a chegada do Padre Luiz Capra na região é que a assistência religiosa foi definitivamente solucionada em São Caetano; não ficando qualquer dúvida quanto a presença esporádica daqueles sacerdotes em S. Caetano, apenas para atender casos de necessidade, comemorações e missas, vez ou outra, apesar



Igreja em 1927

Agora com a torre, a igreja recebe alguns retoques para a comemoração do 50º aniversário de São Caetano. A lápide em homenagem aos fundadores, já colocada, está coberta com um pano negro. E visível o contraste — nos fundos e nas laterais — entre as fotos de 1908 e esta.



Inauguração da lápide em homenagem aos fundadores

Na foto, que antecedeu à cerimônia, nota-se a presença de algumas autoridades no palanque, vindas, naturalmente, nos dois automóveis que aparecem ao fundo, e a presença de associações religiosas e outras com seus estandartes, além de muitas pessoas uniformizadas.

da pouca distância que separava o orfanato (na atual rua do Orfanato, em Vila Prudente) e a capela dos núcleo colonial.

A assistência permanente, definitiva, chegou com a chegada do Padre Luiz Capra e é na leitura do importante documento histórico deixado por este sacerdote, o Livro do Tombo da Paróquia de Santo André, em 1912, que podemos verificar as alterações profundas na vida religiosa da gente de São Caetano: “Constituída a nova Paróquia de Santo André, a esta ficou pertencendo São Caetano. Nestes últimos três anos foi construída a capela-mór e foram feitas obras importantes na igreja, no valor de 15 contos de réis, angariados exclusivamente entre os moradores desta localidade. O vigário de Santo André vai todos os domingos rezar a missa em S. Caetano, explica o evangelho ao povo, administra o Sagrado Sacramento e, uma vez por semana, dá aula de catecismo.” (11)

Aos colonos de São Caetano o conforto espiritual definitivo acabou acontecendo com a chegada do Padre Capra, quando assumiu a Paróquia de Santo André, exatamente em 3 de março de 1912. E isto ocorreu quase 35 anos após a chegada dos primeiros colonos, não pelos esforços das autoridades brasileiras que descumpriram as promessas dos agenciadores. Até então, o consolo para as necessidades do espírito dos colonos era somente superado pela vontade imensa dos moradores locais que se desdobravam em sacrifícios pessoais e a longas caminhadas em busca da tão ansiada palavra de Deus. Sempre dependentes, no entanto, das possibilidades das autoridades eclesásticas, afastadas do núcleo, para conseguir amenizar os anseios que a fé reclamava.

Na realidade, esse era um dos fatos que, aliado a tantas outras dificuldades e promessas não cumpridas, justificaram o lamento e a firme intenção de retorno manifestada pelo colono Giacomo Garbelotto em carta enviada a um compadre de Capella Maggiore, em 14 de fevereiro de 1889, e que pelo seu teor levou-a a ser publicada em jornais da Itália naquela época (13).

Fácil imaginar o contentamento dos católicos de S. Caetano com a presença do Padre Luiz Capra, da Congregação de São Carlos. Sobre ele manifestou-se João Netto Caldeira: “Homem santo, inteiramente voltado para Deus, o P. Luiz Capra não teve tibiezas: trabalhou com ardor e coragem, colhendo grandes frutos.” (14). Sua presença foi marcante na nova paróquia dando ao seu rebanho toda a grandeza de uma alma santa.

Para São Caetano, após um quase deserto religioso representado pela sempre difícil presença de um sacerdote, a presença do novo vigário de Cristo era a certeza da presença de Deus bem próxima, após tantos anos.

Imensamente amado por seu povo, em 4 de janeiro de 1920, na mesma igreja que viu a chegada dos colonos italianos em São Caetano, o também italiano vindo de Verona, Pe. Luiz Capra,



Padre Giovanni Battista Pelanda

Foi o primeiro vigário de São Caetano. Aqui permaneceu de 1923 até 1929, quando retornou à Itália. Ainda em meados de 1919, foi um dos grandes incentivadores para a continuação e expansão da obra dos Estigmatinos no Brasil.

desfalece e morre nos braços de fiéis, momentos antes de começar a celebração da Santa Missa. Os que o conheceram, até hoje, lhe dedicam momentos de ternura e o longo artigo que lhe dedicaram as páginas da revista comemorativa do 50º aniversário de fundação de S. Caetano é eloquente por si só. Eis um de seus trechos: "Só quem esteve naquele dia em São Caetano, só quem viu a desolação do povo, ou assistiu à interminável romaria que, de toda a vasta zona beneficiada pelo ministério do Bom Padre, veio dar ao seu corpo o vale extremo, só quem viu a imponência e a sinceridade da homenagem que o povo e autoridades prestaram-lhe no soleníssimo enterro, pode avaliar o amor com que todos correspondiam à bondade serena que a morte arrebatará para o reino da bondade." (15).

Após o falecimento do padre Capra, a população local continuou a ser assistida pelos padres scalabrinianos da Pia Sociedade Missionária de São Carlos, destacando-se o padre Silvano Giuliani que aqui fixou residência (16). Foi apenas em 1923 que chegou a São Caetano o primeiro religioso pertencente à Congregação dos Padres Estigmatinos, o padre Giovanni Battista Pelanda, tomando posse em 23 de dezembro de 1923. Logo após em 31 de março de 1924, era criada a Paróquia de São Caetano por ato de Don Duarte Leopoldo e Silva, então Arcebispo Metropolitano de S. Paulo. Interessante observar que a substituição dos scalabrianos pelos estigmatinos na direção da nova paróquia, chegou a causar duras observações de outras autoridades religiosas contra Don Duarte (17).

O Pe. Giovanni B. Pelanda, conhecido em S. Caetano pelo brasileiro João, torna-se o primeiro vigário de São Caetano. Nascido em Verona, na Itália, em 4 de setembro de 1879, veio ao Brasil entre os primeiros padres da Congregação dos Estigmatinos, instalando-se em 1911, em Tibagi, no Paraná. Posteriormente foi vigário em São Carlos, antes de vir para São Caetano (18).

Com a posse na nova paróquia, Pe. Pelanda, como um de seus primeiros trabalhos, trata da reforma da igreja. É certo, e isso consta do Livro do Tombo, que antes da reforma material o sacerdote havia pensado na aquisição de novas vestes litúrgicas, mas "concluiu que as alfaias podiam esperar, sendo antes conveniente garantir as cabeças", referindo-se à premente necessidade de reformar o madeiramento que estava podre e duas estacas já caindo do forro (19).

A partir daí o Pe. Giovanni B. Pelanda acompanha seus fiéis e com eles comemora o 50º aniversário de S. Caetano. Foi uma ocasião inolvidável. Igreja e todas as sociedades beneficentes e esportivas da cidade procuraram o que melhor tinham para a grande data e assim festivais de teatro (de grande importância na época), esportivos, assembléias solenes com grandes discursos, bailes e reuniões escolares onde não faltaram os recitais de canto e poesia, aconteceram na cidade. Os momentos culminantes da evocação dos fundadores, no entanto, mais uma vez aconteceram, tendo como centro a velha igreja: nela colocaram a placa de mármore comemorativa do cinquentenário, em solenidade emotiva onde não faltaram as palavras saudosas dos velhos colonos e as bandas musicais acompanhando os atos cívicos; nela reuniram-se os descendentes dos pioneiros para agradecer a Deus.

Brasão da Congregação dos Padres Estigmatinos

O padre José Treca, de Verona, foi seu primeiro autor. A história da Congregação dos Estigmatinos no Brasil começou com a vinda dos padres Alexandre Grigolli e Henrique Adami, que se instalaram em 1911, em Tibagi, Paraná (22).



É o Pe. Pelanda quem relata: "Em 28 de julho de 1927, em comemoração ao cinquentenário de São Caetano, muitas festas na cidade entre as quais uma reunião de todas as sociedades beneficentes esportivas na sede da Príncipe de Napoli, de onde, precedidas pela banda musical, seguiram para a igreja matriz assistindo aí ao solene Te Deum em ação de graças" (20).

A religiosidade indicava o caminho que sempre levava ao mesmo local: a pequena capela, depois da igreja... Então uma longa história que teve início na "piccola chiesa" e que continuou sempre em torno daquele símbolo de fé, encerrava um de seus mais longos e sofridos capítulos.

Resta agora a restauração do respeito que devemos ao velho símbolo procurando recuperá-lo das mutilações que, particularmente nos últimos anos, mãos bem intencionadas mas felizmente mal informadas, causaram ao nosso mais importante patrimônio histórico. Tudo deverá ser feito para que retorne a ser o ponto norteador dos fatos da cidade não somente como verdadeiro monumento histórico — depois de devidamente restaurado — mas sobretudo como o ponto unificador do pensamento dos "colonos" atuais significadamente aumentados para uma grande família sul-sancaetanense de 150.000 pessoas que, como os 150 pioneiros de 1877, buscam respostas na cruz do alto da torre.

(*) Oscar Garbelotto é advogado e professor universitário. Ocupou na administração pública municipal os cargos de Diretor do Departamento de Educação e Cultura e Diretor do Instituto Municipal de Ensino Superior. Dedicou-se também ao estudo e à pesquisa da História de São Caetano do Sul. É descendente de um dos fundadores: Antonio Garbelotto.

- (1) BELLUCCI, Renato — *Página di verità e di vita*, sobre o 50º aniv. de S. Caetano, 1927, s/n;
- (2) MARTINS, José de Souza — *Sancaetanense Jornal*, 28 de julho de 1985, p. 7;
- (3) BELLUCCI, Renato, op. cit.;
- (4) MARTINS, José de Souza — *A imigração e a crise do Brasil agrário*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1973, p. 78;
- (5) BELLUCCI, Renato, op. cit.;
- (6) HENRIQUE, J. "Igrejas do Grande ABC — V". *Diário do Grande ABC*, Caderno C, 22 de abril de 1979. Referência ao Livro do Tombo da Paróquia de Santo André, escrito pelo Pe. Luiz Capra, em 1912;
- (7) BELLUCCI, Renato, op. cit.;
- (8) HENRIQUE, J. op. cit.;
- (9) BELLUCCI, Renato, op. cit.;
- (10) HENRIQUE, J., op. cit.;
- (11) *ibidem*;
- (12) CALDEIRA, João Netto — *Álbum de São Bernardo*, Ed. Organ. Cruzeiro do Sul, 1937, s/n;
- (13) FRANZINA, Emilio — *Merica! Merica!*, Giangiacomo Feltrinelli Editore, 1ª ed., 1979, p. 163;
- (14) CALDEIRA, João Netto, op. cit.;
- (15) BELLUCCI, Renato, op. cit.;
- (16) HENRIQUE, J. op. cit.;
- (17) MARTINS, José de Souza — *Sancaetanense Jornal*, 19 de julho de 1987. "A semana na história de São Caetano";
- (18) HENRIQUE, J. op. cit.;
- (19) *ibidem*;
- (20) *ibidem*;
- (21) MARTINS, José de Souza — *Sancaetanense Jornal*, 28 de julho de 1984. "Passado da cidade merece mais respeito";
- (22) "A Província de Santa Cruz" — Revista da Congregação dos Estigmatinos no Brasil, na celebração do 1º Centenário da morte do Venerável Gaspar Bertoni, 1953.

Olarias trazem industrialização à cidade

Sonia Maria FRANCO XAVIER (*)



Olaria da família Garbelotto, em 1910

Há homens que vivem o hoje, outros que plantam hoje para a colheita do amanhã e, os mais previdentes, que constroem o futuro no presente com as experiências do passado.

É dentro desta linha de pensamento que o Museu tenta conhecer fatos, experiências e o dia-a-dia de nossa cidade, aproveitando-se de memórias para enriquecer o acervo e, ao mesmo tempo, torná-lo conhecido.

O crescimento sócio-político e econômico de São Caetano do Sul tem uma dinâmica muito intensa, em função de seus recursos, do seu potencial industrial e isto tem determinado mudanças significativas em sua face cultural, num espaço de tempo relativamente pequeno.

Com apenas 112 anos, ou seja, segundos de História, evoluiu de forma espetacular em toda as linhas de progresso, para ocupar destacado lugar no contexto estadual e federal.

Partindo-se do princípio de que esta região em tempos anteriores era parte dos municípios de São Paulo, de São Bernardo e de Santo André, nossa homenagem se estende a todos aquele que aqui habitaram desde os primitivos indígenas até Fernão Dias Paes Leme, Duarte Machado e sua esposa que doaram terras do Tijuçuçu formando a Fazenda de São Caetano dos Beneditinos.

Os beneditinos organizaram as terras, denominando-as Fazenda de São Caetano, desde o ano de 1631 e por aqui permaneceram até que esta fazenda fosse adquirida pelo Governo Imperial, para se transformar em um núcleo agrícola.

Há registros de que a Fazenda de São Caetano dirigida pelos beneditinos possuía uma olaria que produzia telhas e tijolos, que contava com três fornos e que tinham como mão-de-obra os escravos.

Os produtos fabricados eram transportados em barcos pelo Tamanduateí e desembarcados no denominado Porto Geral, próximo à atual rua 25 de março.

Quando o Governo Imperial adquiriu as terras, aquelas atividades estavam em declínio e os frades beneditinos já eram em número muito pequeno na região, devido às perseguições da política Pombalina, que impedia a recepção de noviços em Institutos Monásticos do Brasil, levando à decadência dos mosteiros.

A abertura da Estrada de Ferro São Paulo Railway, no ano de 1867, daria novo impulso à região, e foi mais um motivo para entusiasmar o Imperador na implantação do núcleo colonial de nossa cidade.

O Brasil enfrentava grandes dificuldades de mão-de-obra agrária, tendo em vista a queda do tráfico de escravos e a perspectiva próxima da abolição, que já se fazia anunciar pelas leis que a

antecederam, ou seja, a do "Ventre Livre" e a do "Sexagenário".

A nação precisava de colonos, criava-se uma abertura no campo e no governo já se cogitava que a solução seria a imigração de colonos de outros países, para auxiliar no desenvolvimento agrário. Citamos, para reforçar esta idéia, um pequeno texto do Relatório Estatístico editado em 1886: "Ora, a um país nestas condições, e a que faltam braços é realmente para dizer que os imigrantes podem vir sem receio, com as mais bem fundadas esperanças de sucesso".

Os italianos foram os que atenderam a este convite, em primeiro lugar. A situação econômica, principalmente dos camponeses, na Itália, era muito precária e o Brasil surge como um sonho não de conquista, mas de fuga das péssimas condições em que viviam.

O grande mérito dos imigrantes italianos se prende à sua coragem e à sua luta no trabalho em condições bastante adversas. Quando aqui chegaram, no dia 28 de julho de 1877, de trem, que aqui fazia uma parada, tudo que encontraram foi uma pequena Igreja, algumas casinhas ao seu redor, alguns escravos deixados pelos beneditinos, funcionários da Estrada de Ferro, Dionísio e sua mulher Maria, Martim Pereira e sua mulher Joaquina e Dna. Rosalinda. Nisto se resumia São Caetano, na chegada dos imigrantes. (1)

Segundo depoimentos dos descendentes de italianos a vida no começo foi muito dura; muitos quiseram desistir, mas o governo procurou apoiar e estes acabaram vencendo. Conta-se muito o fato de que o Imperador Pedro II esteve em nossa cidade para procurar amenizar as dificuldades e que a esposa de Giuseppe Salla, chorando, pediu-lhe ajuda para alimentar seu filho pequeno. O Imperador deu-lhe como presente uma cabra.

No ano de 1892 surgiu a la. "Sociedade Beneficente Príncipe de Nápoli", uma forma organizada de filantropia e assistência destinada a atenuar os sofrimentos dos primeiros tempos.

Segundo depoimento do sr. Casério Veronesi, "os imigrantes trabalhavam muito, na lavoura, nas olarias e também cuidavam dos animais, burros, cabras e vacas. As mulheres, além do serviço caseiro, cultivavam a terra para o plantio de verduras, frutas e capim para o gado, lenhavam para o forno e ordenhavam as vacas e cabras para a venda do leite".

A qualidade do solo para finalidades agrícolas fôra questionada mesmo antes da chegada dos imigrantes, mas sabe-se que, com muito esforço, conseguiram plantar arroz, feijão, milho, batata e uva, sendo esta última o que vai caracterizar por algum



Saída de trabalhadores das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no início deste século



Avenida Conde Francisco Matarazzo, no começo do século

tempo uma atividade mais elaborada que era a produção do vinho, citado como de boa qualidade no livro "A carne" de Júlio Ribeiro.

Os italianos, pelo tipo de solo encontrado, logo transferem seus interesses para as atividades ligadas à utilização das terras argilosas, criando em nossa cidade as olarias, produzindo telhas e tijolos. Esta atividade foi o início da industrialização da cidade.

A proximidade de São Paulo, a topografia suave, a existência de rios, a presença da estrada de ferro vão atrair, ainda no século passado, o interesse por esta região.

Com o crescimento urbano de São Paulo, São Caetano do Sul, distante apenas 11 km teve rápida e progressiva valorização dos seus terrenos, desestimulando as finalidades agrícolas. Passaram os antigos colonos a vendê-los por preços compensadores, mudando o aspecto da economia local ao propiciar o aparecimento de pequenas indústrias, olarias e pontos comerciais diversos como açougues, padarias, barbearias etc.

Em 1894 a Fábrica Pamplona, de velas, graxas e óleos lubri-



Funcionários da Olaria Moretti, nos primeiros anos do século

ficantes, transferiu-se de São Paulo para São Caetano, num terreno de aproximadamente 40.000 metros quadrados, banhado pelo rio dos Meninos. (2) É seguida pela fábrica de Formicida Paulista que, em 1900, emprega 35 operários e que era dirigida por Virgílio Rezende.

São Caetano adentra o século XX com grande impulso industrial — iniciado com as olarias, e que agora se multiplicam ao longo dos rios Tamanduaté e Meninos.

Pelos nomes de seus proprietários podemos perceber a presença marcante do imigrante italiano nas olarias:

— Antonio Barile possuía grande olaria produzindo 120.000 tijolos e 8.000 telhas mensais;

— Giacomo Garbelotti também dono de grande olaria com a mesma produção de Antonio Barile e com 25 operários;

— Silvério Perrella produzia em sua olaria 150.000 tijolos mensais. Era também proprietário de uma fábrica de colchas de fustão, com 15 operários e uma produção diária de 40 colchas. (3)

Outras olarias existentes no começo do século: João Domingos Perrella, Carmine Perrella, Angelo Cavana, Angelo Moretti, Irmãos Ferrari, João Denardi, Antônio Parente, Domingos Baggio, Irmãos Martorelli.

Surge a "Cerâmica Privilegiada" no ano de 1913. No ano seguinte é transformada em "Cerâmica São Caetano", que vai ocupar uma área significativa de 400.000 metros quadrados, com uma grande produção de tijolos, telhas, ladrilhos, refratários e que hoje é uma das grandes indústrias de nossa cidade. (4)

Neste mesmo ano tem início em nossa cidade a "Picosse e George", fabricante de manteiga de coco e óleo vegetal, hoje conhecida como "Refinadora de Óleos Brasil".

Em 1907, surge a "Sociedade Beneficente Internacional União Operária", que existe até esta data, como um reflexo da expansão industrial. Em 1915 São Caetano recebe a energia elétrica, isto vai acelerar o aparecimento de muitas indústrias que podemos citar: Moinho de Fubá de Silvério Perrella, Fábrica de Carroças de Ceccato e Martins, Fábrica de Formicida L de Quiróz, Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Fábrica de Biscoitos de Domingos Pelegrini, Fábrica de Correias de N. Fanderings & Cia., Fundação de Ferro de Romeu Mazini, Fábrica de Móveis dos Irmãos Scartozzoni, Fábrica de Vidros Mazotti & Cia., Fábrica de Botões Aliberti e Fábrica de Louças Adelinas.

São Caetano tem um grande impulso industrial, de 1909 a 1924, passando do 6º para o 2º lugar em arrecadação de impostos na região do Grande ABC. Quando a General Motors mudou suas instalações do Ipiranga para São Caetano, houve o crescimento das indústrias de autopeças.

Hoje, São Caetano possui mais de 300 indústrias, ocupando lugar de destaque no maior parque industrial da América Latina.

Temos a São Caetano cosmopolita, de vida intensa e consi-

derada a maior renda per capita do Brasil, cidade-símbolo do progresso multidirecional de uma região altamente desenvolvida.

Entretanto, para os que aqui nasceram, se criaram e envelheceram é possível tê-la ainda como sua cidade e nela identificar as sementes que plantaram.

Cultuar essa memória, refazer os elos e manter viva a chama de um passado glorioso, mais que cultura, é o respeito por estas vidas dedicadas ao engrandecimento desta terra.

(*) Sonia Maria Franco Xavier, professora de Filosofia e História, dirige o Museu Municipal de São Caetano do Sul e faz parte do Grupo de Pesquisadores da Memória da ABC.

(1) Almeida, Nelson Martins

Isto é São Caetano do Sul — 1952

(2) Capri, Roberto

O Estado de S. Paulo e seus Municípios — 1913

II Volume

(3) Livro de escrituração dos impostos Municipais de Indústrias e Profissões pertencentes à Câmara Municipal de São Bernardo

(4) Caldeira, João Netto

Album de São Bernardo — 1937



Funcionários da Fábrica F. Gigolo & Cia. Ltda., nos anos 20



Linha de ônibus de São Caetano do Sul, em foto tirada na Avenida Goiás, defronte à General Motors, ao lado da Farmácia Européia e do Consultório do dr. Penteadó. Da esquerda para a direita: Marino Dal'Antonia, Francisco Massei e Ernesto Costa (engraxando o sapato).

No tempo da gabirola

Henry VERONESI (*)

Presentemente, ao falar-se de uma coisa antiga, pode estar-se falando de um objeto, máquina ou equipamento, produzido no dia anterior.

A evolução científica e tecnológica é a responsável pela criação dessa situação.

Na eletrônica, por exemplo, o aperfeiçoamento das coisas se desenvolve com tamanho dinamismo que um aparelho ou uma máquina ou um equipamento produzido num dia, no dia seguinte já é considerado antigo e, às vezes, até obsoleto. Não é exagero dizer que o pretérito, em certos casos, é a hora passada. É o antigamente confundindo o presente com o passado.

Se isso acontece com as coisas, com a vida humana o antigamente reflete acontecimentos mais remotos, ajustados dentro de um termo mais distante do tempo presente.

São Caetano na década de 30

São Caetano do Sul, quando ainda era distrito do Município de Santo André e denominava-se apenas São Caetano, foi uma localidade habitada por uma comunidade composta de pessoas de diversas raças, cores e religião, predominante a católica. Foi a cidade onde o respeito e o amor eram norma consuetudinária, onde a honradez e a moral das pessoas eram obrigações e não virtudes; onde o direito se assentava na palavra, sem formalismo e onde a solidariedade humana se fazia presente, em todos os momentos, fosse de alegria ou tristeza.

Foi o lugarejo em que a inexistência dos espigões de concreto, as ruas sem calçamento, do trânsito de veículos e da poluição, proporcionava uma existência sadia, alegre e descontraída. Onde o firmamento era azul e límpido, o que proporcionava maior acuidade auditiva, a ponto de o badalar do sino da Matriz do Bairro da Fundação ser ouvido, com nitidez, no alto da Vila Paula, nas redondezas do Cemitério daquele bairro.

Foi a localidade onde nos campos e nas matas habitavam os pássaros de várias espécies, que transformavam São Caetano num grande viveiro.

Dos rios, que entrecortando os campos e as matas, além de contribuírem com a beleza topográfica, fertilizavam as terras e proporcionavam o entretenimento da população, tão piscosas e límpidas eram suas águas.

São Caetano das ruas de chão de terra e mal iluminadas, mas que nem por isso oferecia qualquer perigo; era um enorme parque, onde as famílias, à noite, se reuniam, sentadas nas calçadas, formando grandes grupos contavam estórias e fatos acontecidos. A molecada, organizando suas brincadeiras varava a noite, pulando "uma na mula", "esconde-esconde", "roda", "corridas" etc., etc.

Cidade onde, embora os dias fossem todos de festa, as datas comemorativas eram celebradas com muito entusiasmo, respeito e alegria.

O Natal principiava com a Missa do Galo e estendia-se até anoitecer do dia 25. Na passagem do Ano Novo, enquanto os adultos festejavam o acontecimento, com serenatas, a molecada, nas ruas, ia batendo nos postes de ferro da Light, cantando:

- É meia-noite!
- O galo pinica o pinto
- O pinto pinica o galo;
- O galo coro-cocó.

As indústrias, precisamente à meia-noite, começavam a apitar, apostando entre elas, qual a caldeira que agüentava mais durante o transcorrer da passagem do primeiro dia do ano.

A menina, de madrugada, visitando os parentes e conhecidos ia desejando e "pedindo" o "bom princípio de ano".

O Carnaval, que era festejado nos salões, na segunda-feira fugia à regra. Nesse dia, eram formados grandes cordões que saíam dos clubes e em curso pela cidade, uma sociedade procurava visitar a outra e comemoravam juntos, com alegria, o evento.

São Caetano, nas festas juninas, era uma grande fogueira, pois dificilmente, nas ruas, nos dias comemorativos, não havia

alguém que se chamasse Antonio, João ou Pedro. Nas fogueiras eram assadas as batatas doces, a mandioca, a laranja. Também não faltava o delicioso quentão, o vinho quente, a pipoca, o tramuce e o amendoim. As brincadeiras eram organizadas e, na própria rua, era dançada a quadrilha. Durante os festejos eram queimados fogos e soltos os balões, caprichosamente feitos em casa.

Foi a terra da água potável, onde não havia rua que não tivesse uma bica d'água para matar a sede de quem precisasse.

Terra que foi um enorme pomar, onde não havia casa que não tivesse no quintal plantação de árvores frutíferas, como a pêra d'água, pêra do inverno, goiaba, caqui, manga, mamão, mixirica, maracujá, uva, etc.. Onde nos campos e nas matas abundaram as frutas silvestres, como a maria-pretinha, a multa, o araçá, a goiaba, a amora italiana, a amora vermelha, o ingá, o morango e a gabiroba.

São Caetano dos piqueniques domingueiros, dos passeios de longas caminhadas, das pescarias, dos banhos e rios, do secar cava depois das enchentes, da catação de frutos silvestres nos campos e nas matas. São Caetano do tempo da gabiroba.

Não há existência feliz ou infeliz. Há momentos felizes ou infelizes, tristes, alegres ou cômicos.

O boné do Guanico

Certa ocasião, lá pelos idos de 1930, instalou-se em São Caetano, na Rua Santa Catarina, ao lado da faixa da Light, um circo chamado Irmãos Temperani. Esse circo, como os outros que por aqui apareciam, antes do dia da estréia, desfilou pelas ruas da cidade com toda a sua trupe. No meio dela, desfilava um elefante. Como era costume, a molecada, fazendo aquela algazarra, acompanhava de perto o cortejo.

No meio da molecada, naquele dia, estava o Guanico, um menino de seus doze anos, mais ou menos, filho de um espanhol marrudo e bravo que morava na Rua Vergílio de Rezende, hoje Rua João Pessoa, bem defronte ao local em que hoje estão as Casas Bahia.

Guanico, pulando e brincando de um lado para outro, sem perceber, aproximou-se muito do elefante. Este, num gesto rápido, com a tromba, tirou o boné de couro de gomos da cabeça do Guanico e pondo-o na boca — glup! — engoliu-o.

Apavorado, pensando no que iria acontecer-lhe em casa, Guanico, chorando, acompanhou o desfile, até o fim.

Os seus companheiros, vendo o seu desespero, em "comissão" procuraram o domador do elefante e exigiram que ele pagasse o boné.

O domador, em resposta à exigência, disse um sonoro não, justificando sua negativa, dizendo que não tinha responsabilidade alguma, pois não tinha mandado ninguém acompanhar o desfile.



Linha da São Paulo Railway. Ao fundo, o que é hoje o Bairro Prosperidade e Utinga, em 1940 (da esquerda para a direita: Reinaldo Costa, Henry Veronesi, Hamilton de Carvalho e Luciano Furquim de Almeida).



O Grupo Quinze (em pé, da esquerda para a direita: Vernir Zambotto, José Dompieri, Silvio Fernandes, Dirceu Vieira de Souza, Reinaldo Costa, José Pinto, Milton Miuzzi, Marcelo Zambotto, Nevio Dias, Jayme (?); sentados: Arthur Vicenzi, ?; Henry Veronesi, Salvio Fernandes, Sebastião Fernandes e Hamilton Carvalho).

Ponderou, no entanto, para que os meninos voltassem no dia seguinte, porque talvez, ele pudesse devolver o boné do Guanico.

No dia seguinte a molecada, logo de manhã, postou-se em frente do circo, esperando pela devolução do boné. Depois de muitas horas de espera, apareceu o domador, trazendo na ponta do bambu o boné do Guanico, todo sujo, mas inteirinho.

Embora estivesse sendo devolvido em condições não muito agradáveis foi uma alegria geral. Depois de uma boa lavada e desinfetada, mais tarde, estava o Guanico contente, de novo, usando o seu boné. A alegria, porém foi efêmera. No dia seguinte, numa brincadeira de estourar bomba para ver a lata subir, na falta da lata foi colocado o boné do Guanico que, no primeiro estouro partiu-se em diversos gomos, ficando inutilizado, sem possibilidade de conserto.

O pobre Guanico, ficou sem o seu boné que tanto estimava. Era preferível que o elefante o tivesse digerido em vez de ter tido um fim tão trágico.

As bananas do brejo

São Caetano era um lugarejo privilegiado em frutas silvestres. Durante o ano, ocorriam as épocas das colheitas, ocasião em que as pessoas, aos sábados e domingos, saíam pelos campos e matas para colher os frutos, como a goiaba, o araçá, as amoras, morangos, o maracujá, a gabiroba, o ingá, a banana do brejo, etc.

Certo dia, eu e meu amigo Lilo — Reinaldo Costa — resolvemos ir "catar" banana do brejo. Logo cedo, depois de termos preparado nosso picuá, saímos de casa e fomos lá pelas bandas da Vila Prosperidade, onde o brejo era abundante, e por consequência era lá que se encontravam os frutos. Depois de uma boa caminhada, adentramos no brejo e depois de termos feito uma boa colheita, saímos dele para voltarmos para casa. O roteiro de volta seria por Utinga, via Av. Goiás. No meio do caminho, mais ou menos onde hoje se encontra o salão de festas do Buso Palace, na divisa de São Caetano com Santo André, existia uma bica d'água potável, onde a gente aproveitava para lavar as bananas do brejo colhidas.

Depois de termos lavado todas as bananas, subimos o barranco para entrarmos na Avenida Goiás. Aproveitando para descansar um momento, sentamos no barranco e descascamos uma banana cada um, e começamos a comer. Nesse momento, parou um luxuosíssimo carro preto, com capota branca e com o motorista devidamente uniformizado, desceu uma senhora muito bem vestida, com uma sombrinha toda bordada, cheio de rendão. Chegando-se a nós perguntou o que era aquilo que estávamos comendo. De pronto, respondemos que era banana do brejo.

— É gostosa? perguntou.

— É sim. A senhora quer experimentar?

— Quero!



As águas límpidas do Tamanduátel, em 1939, vendo-se ao fundo o Bairro Prosperidade, Utinga e a Vila Califórnia. Sobre a pinguela: Ricardo ?, Reinaldo Costa, Henry Veronesi, José Costa e Leon Karlic.



São Caetano, em 1939, vendo-se Utinga ao fundo. Da esquerda para a direita: Ricardo ?, José Costa, José Dompieri, Leon Karlic e Henry Veronesi.



As "três casetas", na década de 30, na Vila Califórnia, nos fundos da General Motors.

Nisso, o motorista, bigodudo, sem olhar para nós e para a mulher, falou:

— Madame, se eu fosse a senhora, não punha esse negócio na boca.

A senhora, devido à observação feita pelo motorista, receosa, quis uma confirmação e, novamente perguntou:

— Vocês têm certeza de que isso não faz mal?

— É lógico que temos certeza! Se a senhora não quiser experimentar, não é obrigada.

A madame, levando, com certo receio, uma banana que lhe tínhamos dado, deu uma lambida, olhou para o motorista e dizendo o nome, observou:

— É uma fruta deliciosa. Tem um perfume agradável.

Logo em seguida, começou a chupar os gomos de banana e acabou comedo-a toda.

Depois de comer a banana, tirou um lençinho todo bordado, da manga do vestido, limpou a boca e perguntou-me:

— Você quer vender esse cacho?

— Não. Mas se a senhora quer algumas, nós podemos dar-lhe.

— Não. Eu quero comprar todas, para levar para casa. Dou-lhe dois mil réis pelo cacho.

— Dois mil réis?!? Feito?

O meu amigo Lilo ofereceu as suas à senhora que também lhe deu dois mil réis.

Íamos indo para casa, sem as bananas, quando meu amigo disse:

— Vamos voltar e "catar" mais banana?

Embora achando um pouco tarde, concordamos. Lá fomos nós, novamente, para o brejo.

Com um pouquinho mais de trabalho, voltamos com umas boas feiras de banana do brejo e ainda, com dois mil réis no bolso, cada um.

Foi a minha primeira e grande transação comercial.

O pomar do João do Banco

Difícilmente, em São Caetano, havia uma casa em cujo quintal não houvesse plantas frutíferas. Eram plantas de caqui, pêras d'água, pêra do inverno, goiaba, lima, mixirica, uva etc.

Na Rua Pará, entre o quarteirão das Ruas Santa Catarina e Rio Grande do Sul, existia um que era cuidado com muito zelo e carinho pelo dono. Era um pomar de dar inveja. Seu dono para evitar que a molecada, à noite, o invadisse, junto com um de seus netos, de dia, preparava armadilhas para que os "ladrões" caíssem nelas.

Acontece, porém, que seu neto fazia parte da "quadrilha" de moleques da Rua Santa Catarina, e à noite, acompanhando os "larápios", ia na frente ensinando onde estavam armadas as arapucas.

Nunca se ouvia falar que nas armadilhas do seu João tivesse caído qualquer moleque que fora roubar-lhes frutos!!!



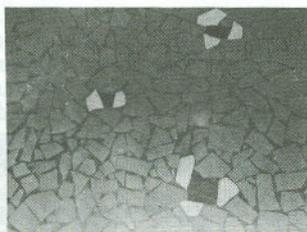
Chevrolet 1929, pertencente a Ernesto Costa. Foto tirada no centro de São Caetano do Sul.



A Igreja Matriz da Praça Cardeal Arcoverde, na década de 30. Em pé, da esquerda para a direita: José Dompieri, Marcelo Zambotto, Salvio Fernandes, Reinaldo Costa, Virgílio ?; Agachados: Artur Vicenzi, Leon Karlic e Silvio Fernandes.

(*) Henry Veronesi, advogado, ex-radialista, natural de São Caetano, e diretor aposentado da Prefeitura de Santo André. Atualmente, ocupa o cargo de Assessor de Assuntos Especiais da Prefeitura de São Caetano do Sul e preside a Curadoria do Centro Interscholar Municipal Prof. Alcina Dantas Feijão.

No tempo dos ladrilhos de cimento



Mário BOTTEON(*)

São Caetano do sul já teve o seu “tempo das olarias”. Nas décadas de 30 e 40, foi a época em que estavam em pleno funcionamento inúmeras indústrias de artefatos de cimento, as chamadas fábricas de fundo de quintal, tocadas por criativos artesãos, auxiliados por um pequeno número de ajudantes, que pretendia aprender o ofício.

Nessas fábricas, eram produzidos ladrilhos, balaústres, tanques, jardineiras, caixas de água, empregando cimento e areia como matéria-prima. A moda daquele tempo eram os ladrilhos de cimento, onde o artífice empregava toda a sua criatividade, em vista da grande concorrência existente. Faziam-se ladrilhos para piso de salas, cozinhas, varandas, banheiros, etc., com os mais variados desenhos que combinassem com os demais ladrilhos, feitos exclusivamente para o contorno dos pisos.

Cabe lembrar, a esse respeito, que existia, à época, uma barbearia, do profissional Túlio, no bairro do Cambuci, em São Paulo, mais precisamente à rua Ana Nery, cujo salão tinha um piso de ladrilhos de cimento, e o contorno — que se ligava harmoniosamente — representava a suástica, o emblema nazista... Durante décadas, frequentamos o local, e nunca alguém fez referência a isso, porque o fato teria passado despercebido para a maioria dos frequentadores.

As famílias mais abastadas de São Caetano, então Distrito de Santo André, davam preferência aos ladrilhos de cimento que tivessem mais cores, com desenhos criativos, artísticos. E esses eram os mais caros, por exigirem mais mão-de-obra, porque cada cor empregada na confecção era uma operação, com tempo certo para secagem.

Naquela “febre” do ladrilho de cimento, surge a Cerâmica São Caetano — ainda existente nos dias de hoje —, pioneira na fabricação de ladrilhos e telhas de grande durabilidade, por serem feitos em prensas e submetidos a fornos de alta temperatura. Com a entrada do novo produto de cerâmica, muito mais durável, a despeito de ter preços superiores aos ladrilhos de cimento, estes foram vencidos quanto à preferência. Assim, a Cerâmica São Caetano predominou, durante muitos anos, no comércio desse produto para pisos, fabricados nas cores vermelha, amarela e preta.

Todos os ladrilhos que apresentavam defeitos de fabricação eram descartados e enterrados no chamado “buracão da Cerâmica” (hoje, Centro de Lazer da Cerâmica), aproveitando as inúmeras crateras que se originaram da extração de argila,

matéria-prima existente no local, e que acabou sendo fator decisivo para a construção dessa indústria pioneira em São Caetano.

A conhecida propaganda que a empresa fazia, na época, valorizando seus produtos, tinha como *slogan* o seguinte: “Somente um ladrilho de São Caetano será capaz de riscar outro ladrilho de São Caetano”. Mas, pedreiros, trabalhadores autônomos da cidade, naturalmente forçados por motivos econômicos, tiveram a sábia idéia de formarem desenhos sugestivos, aproveitando os cacos desses pisos descartados.

Com a nova descoberta todos os profissionais do ramo trataram de seguir o exemplo desses pedreiros anônimos, no aproveitamento dos cacos de cerâmica. E foi assim que a alta direção da Cerâmica São Caetano percebeu que estava diante de uma nova mina de ouro, para o aproveitamento de toneladas de pisos de cerâmica defeituosos, que vinham sendo enterrados no chamado “buracão”. E trataram de contratar pessoas especializadas em propaganda e bons desenhistas para juntar os cacos de cerâmica nas três cores produzidas — vermelho, preto e amarelo — e formar sugestivos e atraentes pisos.

As revistas de maior tiragem nacional, como a *Seleções*, por exemplo, martelavam em todas as edições custosas propagandas a respeito dessa novidade na construção civil. a propósito, seria interessante que nossas autoridades conseguissem da Cerâmica São Caetano exemplares das revistas, por terem valor histórico para a cidade.

A Cerâmica São Caetano, através de seus setores técnicos juntou grande quantidade de ladrilhos defeituosos, quebrando-os e constituindo, exatamente, um metro quadrado do material. Foi com isso que os funcionários foram colocados em franca atividade. As toneladas de piso de cerâmica foram desenterradas, quebradas, pesadas, ensacadas na medida exata de um metro quadrado e comercializadas. E nunca houve tanta aceitação de piso como houve com os cacos de cerâmica, proporcionando lucro que sequer entrava nos cálculos dos mais otimistas dirigentes da Cerâmica.

Tudo graças à criatividade de um pedreiro que, apesar da notável descoberta, acabou ficando, como sempre acontece, como um herói anônimo.

(*) Mário Botteon, ator do antigo Teatro Operário do SESI, autor teatral, é colunista do Jornal São Caetano.

O Comércio tem história para contar

Claudinei RUFINI(*)

O comércio pode não ter sido a principal atividade econômica de São Caetano mas, com certeza, apresenta dados interessantes e que quase sempre passam despercebidos. Talvez seja pelo fato de a indústria já ter sido bastante abordada e estudada, e o comércio não. Uma das peculiaridades que se apresenta, é São Caetano ser uma cidade com vocação industrial, mas os industriais de outrora não moravam aqui, enquanto os comerciantes sim, e eles tiveram uma participação política ativa, ocupando cargos públicos antes e depois da emancipação política e administrativa. O comércio também acompanha a evolução urbana e, podemos dizer, é um dos reflexos desta, demonstrando, através da variedade de ofertas, a evolução do nível de vida da população e sua demanda de consumo.

Desde que a primeira indústria se instalou aqui, pelos idos de 1890, a cidade começou a conhecer sua vocação industrial e o estabelecimento das bases para uma virtual proletarização da população, que experimentava, então, um processo de pauperização latente. Nessa mesma época começam a surgir as primeiras olarias — exceto a dos Perella, que já existia na antiga fazenda dos beneditinos — como a principal atividade econômica da localidade, inclusive como geradora de trabalho. Contudo, podemos até questionar se a atividade se desenvolvia então dentro do modo capitalista de produção, ou era uma forma econômica anterior.

Já no primeiro decênio do século, a população operária era significativa, embora não se dessem conta os governantes. As ver-

dadeiras possibilidades que a sociedade brasileira oferecia ao imigrante estabelecido na localidade já estavam determinadas pela mesma razão a que surpreendera o recenseador ao constatar no município de São Bernardo 27 indústrias e apenas um industrial. A indústria vinculada ao grande capital constituía a única possibilidade para uma definição típica e clara do trabalhador como operário. A situação de São Caetano era então calamitosa, com ruas infectas e malcuidadas, como definiu um cronista da época.

O panorama urbanístico de então revela a condição de penúria reinante. Num levantamento sobre a planta de São Caetano no ano de 1910, para um universo de pouco menos de 150 edifícios, existiam 4 indústrias e o mesmo número de estabelecimentos comerciais, além de uma dezena de olarias. Essa situação foi se modificando, paulatinamente, até meados dos anos 20, quando se consolidou o triunvirato que dominaria o cenário econômico a partir daí: Matarazzo — Cerâmica São Caetano — General Motors.

Essa trinca foi responsável pelo emprego maciço de milhares de trabalhadores, o que propiciou o aparecimento de um comércio efervescente, estimulado não apenas pelo afluxo desses trabalhadores, mas também, e principalmente, pelo aumento populacional decorrente da crescente oferta de empregos. Ao lado das três surgiu uma infinidade de pequenas indústrias, além de bairros inteiros com características arquitetônicas peculiares.

A formação desse contingente operário se faz em bases típi-



Padaria Marchigiana, situada na esquina defronte ao atual Palácio dos Esportes, no Bairro Fundação (1937).



Ponte da Estrada das Lágrimas, na divisa com Rudge Ramos, onde se localiza hoje a Faculdade de Engenharia Mauá (1957).

cas da imigração e do lugar, haja vista que esse período de expansão coincide com uma época em que prevalecia uma mentalidade triunfalista, construída sobre alguns mitos contemporâneos que haviam conseguido “fazer a América”, como o Conde Matarazzo, Crespi e tantos outros.

De fato, alguns conseguiram driblar a miséria e a penúria, ingressando na nova ordem. Era comum nas publicações da época — anos 20 e 30 — a publicação das biografias daqueles homens que obtinham sucesso, gerando o embrião de uma classe dirigente que passa a ocupar o vazio deixado pela falta de lideranças verdadeiramente comprometidas com a transformação social. É preciso lembrar, porém, que esse vazio foi deixado principalmente pela perseguição e pressões sofridas por essa liderança, normalmente acusadas de comunistas. Examinando as relações de dirigentes dos vários clubes e entidades existentes no período, podemos notar a coincidência de nomes que ocupavam posições de destaque em quase todas elas.

O crescimento econômico e urbanístico de São Caetano era rápido. Em 1930, o distrito contava com 581 indústrias e profissões cadastradas, que renderam aos cofres públicos 142:530\$600 (cento e quarenta e dois contos, quinhentos e trinta mil e seiscentos réis), sendo o segundo em arrecadação do município de São Bernardo. O Álbum de São Bernardo de 1937 traz dados que nos dão uma idéia da evolução pela qual a cidade e o próprio poder de compra da população passaram. Naquele ano São Caetano contava com 3.942 prédios espalhados por 173 ruas, sendo 410 os estabelecimentos comerciais que prestavam 63 modalidades diferentes de serviços (veja o quadro). Os mais numerosos eram os armazéns (68), seguidos pelas barbearias (33), botecoim (24), lojas de armarinhos e fazendas (19) e quitandas (17). O Observador Econômico e Financeiro desse mesmo ano mostrava que São Caetano superava o resto do município em capital aplicado, na ordem de Cr\$ 110.431.800,00.

Mesmo com a crescente participação da indústria no bolo econômico, nenhum industrial se sobressaiu pela liderança comunitária. Ao contrário, a fundação da Associação Comercial em 1938 mostra o envolvimento da classe na busca de melhorias para o lugar. E necessidade de melhoramentos era o que não faltava: São Caetano era um subdistrito onde faltava tudo: esgoto, redes de água, escolas, calçamento... um distrito completamente abandonado e com várias indústrias de grande porte. Uma autêntica vaca leiteira de Santo André, lembra Accácio Spachaqueria.

Tais carências transcendiam os âmbitos de atuação da Associação, mas que fez os comerciantes encamparem alguns deles para arrumar soluções, principalmente quanto ao calçamento das ruas, já que a persistência de tal situação prejudicava a expansão da atividade e a conseqüente queda das vendas e do faturamento das casas comerciais. Esse envolvimento valeu perseguições durante a campanha pela autonomia, como, por exemplo, o aumento brutal de impostos.

A cidade começou a conhecer melhorias mesmo somente após a emancipação, isso já nos anos-50, justamente num período de ritmo acelerado de crescimento. Pelo censo de 1950, do IBGE, a cidade ocupava o 6º lugar da produção industrial no Brasil; sen-



Ao Carioca — um dos mais antigos estabelecimentos comerciais da cidade (1937).

do assim, a arrecadação era suficiente para a execução das obras e benfeitorias exigidas. Esses dois fatores são preponderantes para justificar o maior crescimento populacional registrado na história local; de 59.832 habitantes pelo censo de 50, para 114.421 em 1960. A crescente oferta de empregos por um lado — havia 450 indústrias, ocupando pouco mais de 21 mil operários — e as melhorias das condições de moradia, seja pelas obras de urbanização como pela prestação de serviços — eram 2.333 casas comerciais e 236 profissionais liberais — foram fatores decisivos para o estabelecimento de tal quadro.

A participação política dos comerciantes pode ser medida já nas primeiras gestões do município, quando Anacleto Campanella e Osvaldo Massei se alternaram na chefia do Executivo por 12 anos, de 1953 a 1965, quando assumiu pela primeira vez o único industrial a governar a cidade, Walter Braido.

Começava a se aguçar, então, um novo problema: com suas reduzidas dimensões, São Caetano começava a defrontar-se com a falta de áreas livres para se expandir, quando foram abertos os últimos grandes loteamentos destinados à construção de moradias, isso entre o final dos anos 60 e começo dos 70. Dessa forma ficava definitivamente comprometida a instalação de novas indústrias de porte, o que foi decisivo para uma estabilização dos patamares da atividade industrial, se comparado com as décadas anteriores.

Esse fato veio revitalizar aqueles segmentos econômicos até então secundários dentro do panorama econômico, o comércio e a prestação de serviços, que ganharam nova importância. Segundo dados da Prefeitura, em 1984 existiam aqui 4.142 estabelecimentos comerciais, 61 postos de combustível e 649 escritórios.

Ao mesmo tempo que começa a ganhar uma nova roupagem econômica, a cidade começa a ganhar também uma nova face, vertical. Se por um lado ela consegue se livrar de uma infinidade de problemas decorrentes da ocupação desordenada do solo — favelamento, periferia carente, altas taxas de criminalidade, etc — próprios do inchaço dos grandes centros urbanos, por outro, ganha um novo e não menos grave problema: a redução da área verde. É que normalmente, para cada novo espigão subir, são necessários um ou mais terrenos onde antes estavam casas, e muitas delas com quintais e o pouco verde atomizado. Sem contar que em São Caetano não existe um único resquício da vegetação nativa.

A mudança do panorama urbano foi uma exigência do progresso, mas o tributo a ser pago por isso é muito grande. A herança que podemos deixar é exatamente aquela contra a qual tanto lutaram nossos antepassados, as más condições de vida, causadas agora tanto pela poluição, quanto pelos distúrbios térmicos a que

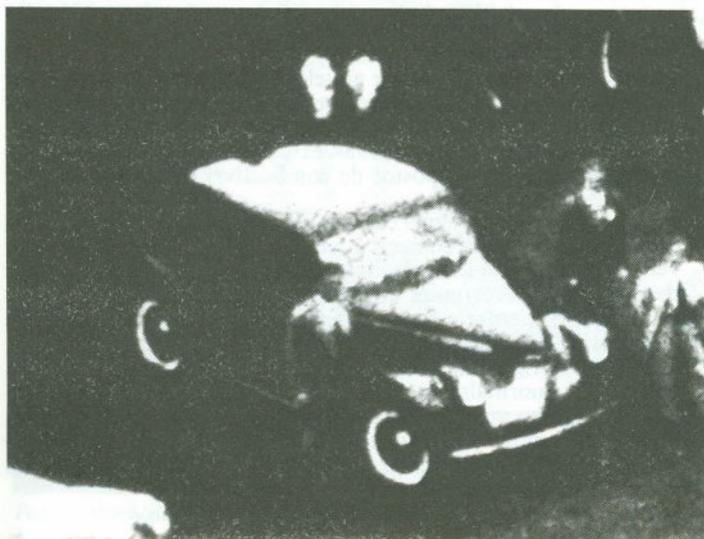
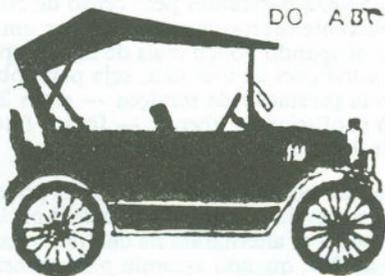
podemos estar sujeitos por estarmos dentro de uma ilha de calor. Além disso, a cada casa que cai, perdemos um pedaço de nossa memória, porque as pessoas se perdem e com elas as relações sociais, de parentesco e de amizade. Corremos um sério risco de contrair uma amnésia histórica.

(*) Claudinei Rufini é jornalista, com especialização em Ação Cultural, na Universidade de São Paulo, e Animador Cultural do SESC-São Caetano.

BIBLIOGRAFIA

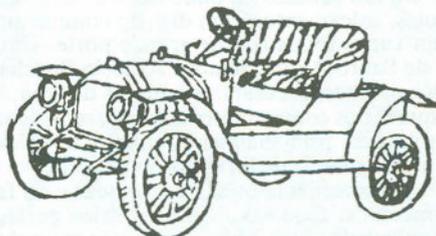
1. ACICS em Revista, São Caetano do Sul, nº 2, maio/junho de 1980;
2. Idem, nº 3 julho/agosto de 1980;
3. CALDEIRA, João Netto — *Álbum de São Bernardo*, 1937;
4. *Diário do Grande ABC*, Suplemento de Aniversário de São Caetano, 39 anos de autonomia, 24 de outubro de 1984;
5. MARTINS, José de Souza — *A imigração e a crise no Brasil agrário*, São Paulo, Pioneira, 1973;
6. MÉDICI, Ademir — "Indústria de São Caetano". In: *Diário do Grande ABC*, 31 de março de 1988;
8. PIERUCCI, Flávio — *Perfil Sócio-Econômico de São Caetano do Sul*, São Paulo, Cebrap, 1984;
9. *São Caetano do Sul*, 48 meses de Administração do prefeito Anacleto Campanella, s/d.

CLUBE FILATELICO
E NUMISMÁTICO
DO ABC
SÃO CAETANO DO SUL
3º ANIVERSÁRIO
ECT.-SP-16A23-MARÇO-1974



ramo de atividade	nº de estabelecimentos
secos e molhados	68
barbearia	33
botequim	24
armarinho	19
quitanda	17
sapataria	15
chácara de verduras, açougue	14
guarda-livros e contador	12
padaria e confeitaria, loterias	11
construtor, bar, alfaiataria e roupas feitas construção,	10
pensão	09
móveis, lenha e carvão, leiteria	08
dentista	07
farmácia, ferragens e louças	06
escola de corte e costura, carnes em conserva	05
médico, relojoaria, tinturaria, papelaria	04
moagem de café, calçados, carpintaria, sorveteria, quadros, bomba de gasolina, cabeleireira	03
salão de engraxates, conserto de pneus, máquinas de costura, depósito de frutas, oficina de autos, doces, fotógrafo	02
parteira, salchicharia, escritório comercial, depósito aguardente, bazar, coroas, fubá, pastéis, funilaria, venda de jornais, perfumaria, chinelos, belchior, depósito de vinhos, oficina de pintura, depósito de cerveja, tabacaria, funerária, material elétrico, extração de areia	01

CLUBE FILATELICO
E NUMISMÁTICO DO ABC
2º ANIVERSÁRIO



SÃO BERNARDO DO CAMPO-E CT-SP
17024 DE MARÇO DE 1973



Marcofilia: a rica filatelia de São Caetano do Sul

Valdenízio PETROLI(*)

Há muitos filatelistas que se dedicam exclusivamente à coleção de carimbos de correios, sejam pré-filatéticos, comuns, comemorativos ou franquias mecânicas. A Marcofilia, como o nome diz, é a arte de colecionar marcas, conhecida também pelo nome de Carimbologia, que significa estudo e colecionamento de carimbos. No Brasil, os carimbos somam em maior número os selos e demais peças filatélicas, o que constitui um estudo à parte. A história da Marcofilia de São Caetano do Sul também está inserida nesse contexto.

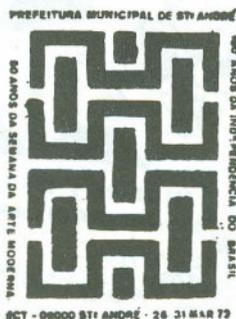
A Filatelia brasileira registra apenas um selo alusivo ao Grande ABC: o do IV Centenário de Santo André da Borda do Campo, lançado em 8 de abril de 1953, acompanhado de dois carimbos comemorativos. Porém, ao contrário do que se possa imaginar, a filatelia temática da região é rica em carimbos comemorativos, comuns e franquias mecânicas. De abril de 1953 até maio de 1988, foram utilizados 53 carimbos comemorativos, sendo que oito são alusivos a São Caetano do Sul.

O primeiro carimbo comemorativo de São Caetano

foi utilizado por ocasião da 1ª Exposição Filatélica Regional, realizada de 23 a 31 de julho de 1960. De formato quadrangular, o carimbo tem como motivo o brasão de Armas do Município. O segundo carimbo comemorativo de São Caetano foi utilizado de 17 a 25 de outubro de 1964, alusivo ao 29º Jogos Abertos do Interior. O carimbo é muito simples: circular com os anéis entrelaçados dos Jogos Olímpicos e o brasão de Armas da Municipalidade. Curiosamente, em 1985, por ocasião do cinquentenário dos Jogos Abertos do Interior, foi lançado outro carimbo, em Santo André, de 2 a 8 de outubro, daquele ano. Os dois primeiros carimbos de São Caetano são peças filatélicas, raras em nossos dias.

Depois de um intervalo de dez anos, do último carimbo, era lançado o terceiro, em homenagem ao 3º aniversário do Clube Filatélico e Numismático do ABC. O carimbo foi utilizado na agência central de São Caetano de 16 a 23 de março de 1974.

Diversas solenidades marcaram o primeiro centenário da fundação de São Caetano, em 1977. Entre as come-







Ainda em 1980, mais dois carimbos seriam usados: o da 1ª Olimpíada Escoteira de São Caetano do Sul, de 2 a 8 de maio e o alusivo aos 500 anos de nascimento de São Caetano Di Thiene, de 9 a 16 de agosto. O carimbo dos escoteiros foi ilustrado com a "Flor de Lis", símbolo do movimento. O santo dos enfermos e dos trabalhadores ilustra o outro carimbo.

O último carimbo comemorativo foi lançado no dia 9 de maio de 1988, em homenagem aos 30 anos do Diário do Grande ABC. A solenidade de lançamento aconteceu no Sesc-S. Caetano, quando foi inaugurada a mostra filatélica "Selos Brasileiros — 1958-1968", do colecionador Arnaldo Jorge. O carimbo reproduz o logotipo dos 30 anos do jornal, idealizado por Antonio Ortiz Picazo. Mais dois carimbos idênticos foram utilizados em Santo André e São Bernardo do Campo, respectivamente.

Carimbos antes dos selos

A utilização de carimbos pelos correios de todo o mundo ocorreu muito antes do aparecimento do selo. As cartas passaram a ser seladas a partir do momento em que foi adotado o pagamento antecipado da remessa. Isto porque até 6 de maio de 1840, data do lançamento do primeiro selo na Inglaterra, quem pagava o porteamento era o receptor da correspondência. Isso gerava muita confusão, porque nem sempre quem recebia a carta que-

ria pagar as despesas. O uso do selo ocorreu exatamente para inverter esta situação.

A partir do uso dos selos, o carimbo passou a ter duas finalidades: identificar o local da postagem da correspondência e obliterar os selos. Depois, os carimbos passaram a conter outras mensagens de cunho educativo, comemorativo, político, etc. Mais tarde, atendendo à especulação filatélica, os correios passaram a projetar os carimbos comemorativos, que passam a disputar com os selos, e outras peças filatélicas, em beleza e requinte técnicos. Hoje, devido às pequenas dimensões, legendas e ilustrações, transformam-se muitas vezes em obras de arte, disputadas por colecionadores de todo o mundo.

O Brasil foi o segundo país a adotar o uso de selos e muito antes de emissão dos Olhos-de-Boi, os correios brasileiros já usavam carimbos. Assim, todas as peças filatélicas, incluindo cartas com carimbos ou não, que circularam antes de 1º de agosto de 1843, data que foram lançados os Olhos-de-Boi, nos valores de 30, 60 e 90 réis, são chamadas de *pré-filatélica*. Considera-se o primeiro carimbo comemorativo brasileiro o da Exposição do Paraná, realizada em abril de 1904, em Curitiba.

Tipos de coleções

As primeiras coleções filatélicas eram universais, isto é, englobavam todos os selos do mundo. Ainda nos dias de hoje, é muito comum ouvirmos pessoas afirma-



rem: "eu ajunto selos", quando o certo é "eu coleciono selos". A palavra *coleccionar* está relacionada com o lado científico da Filatelia, como Ciência Auxiliar da História, que exige um método e técnica na montagem de uma coleção.

Com o passar do tempo, milhares de selos, carimbos e outras peças filatélicas foram utilizados pelas administrações postais e tornou-se impossível colecionar todos. A revista *Abrafite*, órgão da respeitável Associação Brasileira de Filatélica Temática, na edição de 1978, relacionou 58 tipos e espécies de selos emitidos pelos mais diversos países, para serem utilizados em serviços especiais. Podem ser ordinários, comemorativos, de guerra, aéreos, propagandísticos, etc. Os carimbos também seguem essa ordem.

Além disso, existem outros documentos que podem ser incluídos nas coleções, tais como: bloco, folhinhas, aerogramas, bilhetes-postais, mensagens sociais e sobrecartas. Diante disso o filatelista precisa definir que tipo

de coleção deseja fazer: clássica, por assunto ou temática. Cada uma obedece à norma própria.

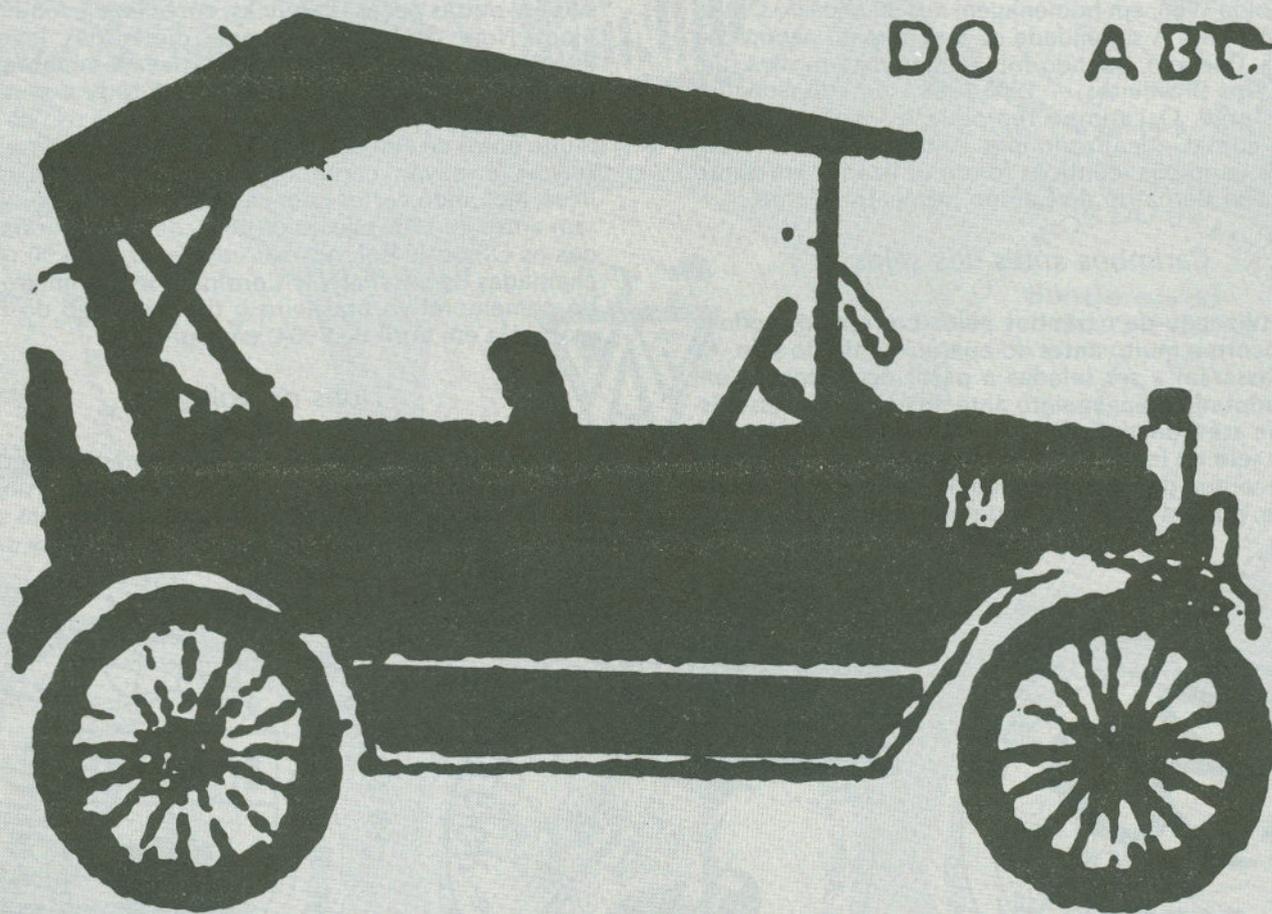
A chamada coleção clássica abrange exemplares de determinado país ou de uma determinada época, em ordem cronológica, que observa todos os detalhes técnicos (papel, cor, carimbos, ensaios). Assim, o interessado escolhe um país e começa a colecionar desde o primeiro selo emitido. No caso dos selos brasileiros, o filatelista poderá colecionar, se desejar, somente os comemorativos a partir de 1900, ou então os emitidos durante o Império, ou ainda a partir de 1969, quando foi criada a ECT. A coleção poderá ser montada em folha de álbum própria ou em folha solta.

Entende-se coleção por assunto aquela que reúne todos os selos e documentos filatélicos que tenham relação com a finalidade de emissão. A apresentação do material filatélico pode realizar-se segundo uma ordem sistemática, temática, por países ou por ordem cronológica.

continua na página 25

CLUBE FILATELICO E NUMISMÁTICO

DO ABC

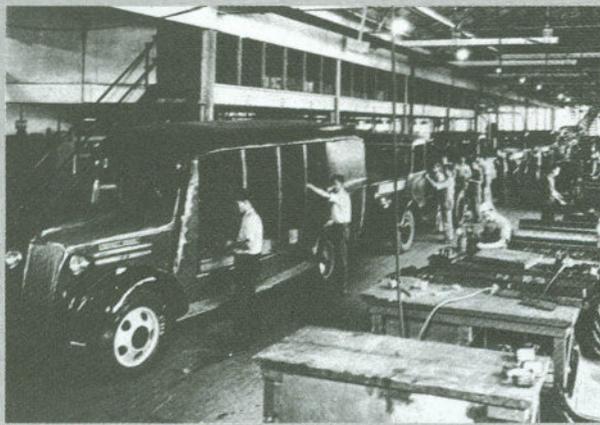


38 ANIVERSÁRIO

SÃO CAETANO DO SUL

ECT - SP - 16A 23 • MARÇO • 1974

a fotográfica memória fotográfica memória fotográfica
ória fotográfica memória fotográfica memória fotográfica
a memória fotográfica memória fotográfica memória fotográfica
gráfmemória fotográfica memória fotográfica memória fotográfica
mória foto memória fotográfica memória fotográfica memória
fica memória fotog memória fotográfica memória fotográfica
fotográfica memó memória fotográfica memória fotográfica memó



Linha de montagem da General Motors do Brasil, no final dos anos 20



Bonde na estação ferroviária de São Caetano do Sul, no anos 20



Amolador de facas, utilizado em São Caetano do Sul antigamente. Peça integrante do acervo do Museu Municipal



Vista de São Caetano, a partir da várzea do ribeirão dos Meninos, atual rua São Jorge e adjacências, no começo do século.

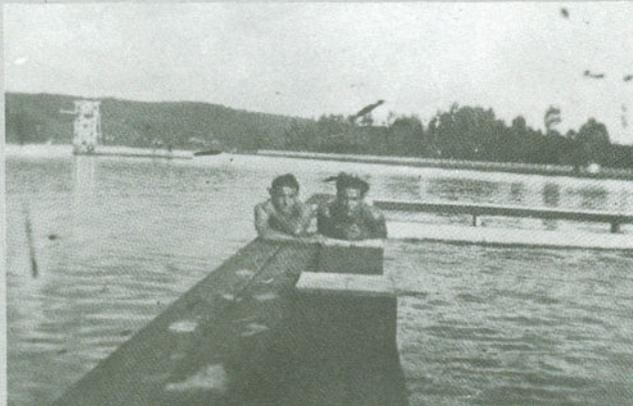


Lagoa natural — única existente no Grande ABC encontra o Aramaçan. Fot



Primeira página do S. Caetano Jornal, de 11 de outubro de 1929

Anúncio do lança-perfumes colombina, fabricado em São Caetano do Sul e publicado no S. Caetano Jornal, na década de 20



— em Santo André, no local em que hoje se fotos da década de 20



Anúncio publicado no S. Caetano Jornal, em 1928



Flagrante cotidiano, no centro de São Caetano do Sul, nos primeiros anos da década de 20



A Primeira Escola Feminina de São Caetano do Sul, em 1914



Fachada do Cinema Central, no antigo centro de São Caetano do Sul



Piquenique em São Caetano do Sul, nos primeiros anos do século



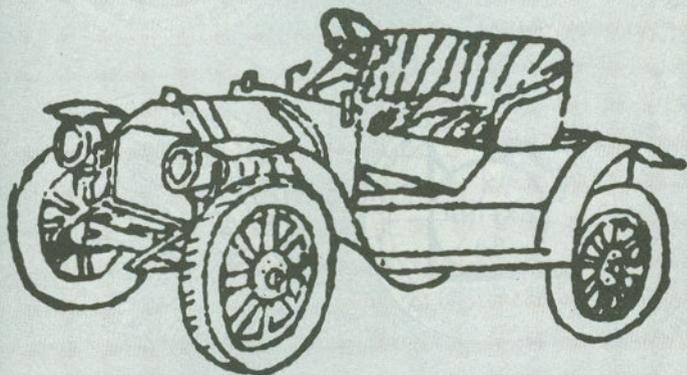
Ela deve ser precedida de um plano que apresente o material exposto, acompanhada de textos descritivos, de forma clara e concisa. O desenvolvimento de uma coleção por assunto exige profundas pesquisas filatélicas e sobre a finalidade da emissão.

A temática desenvolve-se a partir de um tema ou ilustra uma idéia, segundo um plano lógico, servindo-se dos motivos oferecidos pelos selos ou documentos filatélicos. Todas as peças filatélicas devem manter estreita relação com o tema ou a idéia escolhida, isto porque em cada selo ou carimbo aparece uma imagem ilustrada. Assim, por exemplo: um santo, um brasão, um pássaro, uma

flor, etc. Ao montar a coleção, as duas primeiras páginas devem ter um resumo do tema de um plano estabelecido. As peças filatélicas vão sendo colocadas nas demais folhas, seguindo o roteiro, com os textos explicativos. O tema pode ser dividido em capítulos para facilitar a sua compreensão e desenvolvimento. A coleção, depois de montada, da primeira à última folha, descreve o tema como se fosse um livro, sendo que as ilustrações são os pequenos selos, carimbos e demais documentos filatélicos.

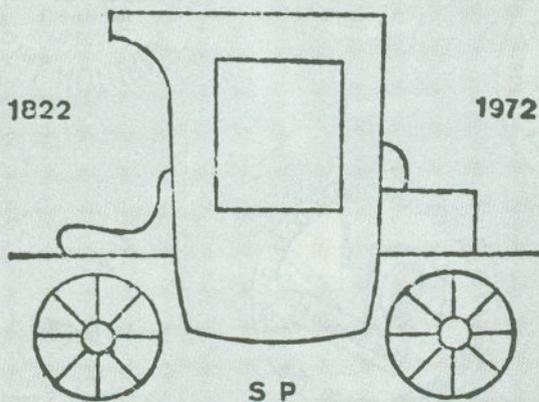
Para quem se dedica à Marcofilia, vai encontrar em São Caetano do Sul e em todo o Grande ABC uma variedade de peças que incluem os oito carimbos comemorativos, franquias mecânicas e carimbos comuns. Se a opção for para uma coleção clássica, ela deve ser iniciada com os primeiros carimbos comuns, que começaram a ser utilizados ainda no final do século passado, quando na Vila de S. Bernardo foi instalada a primeira agência de Correio.

CLUBE FILATELICO E NUMISMATICO DO ABC 2º ANIVERSÁRIO

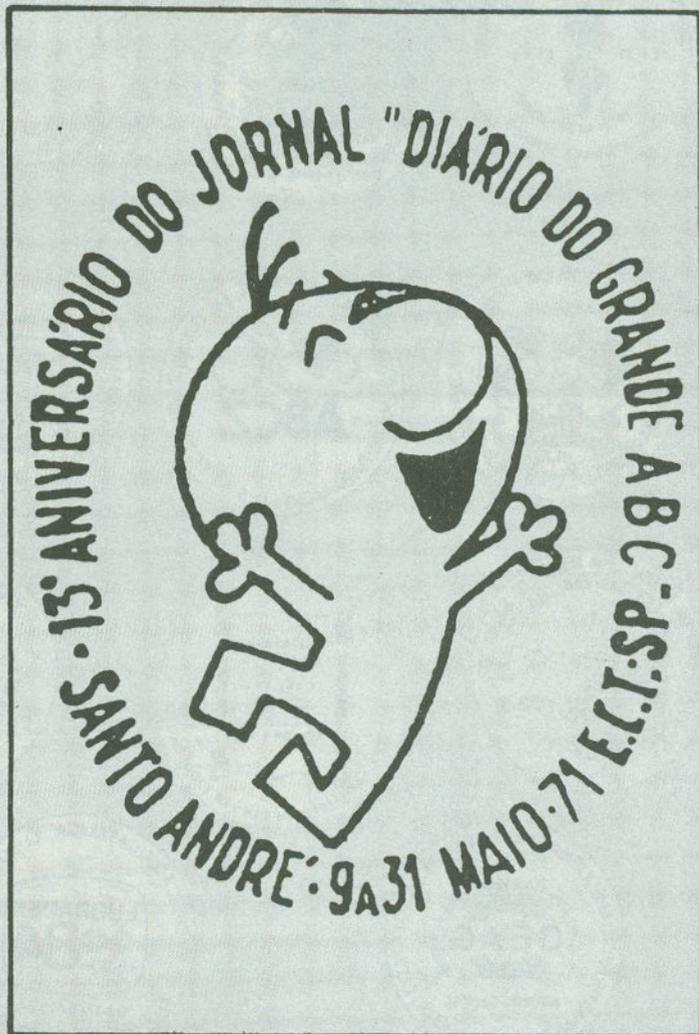


SÃO BERNARDO DO CAMPO - ECT - SP
17 a 24 DE MARÇO DE 1973

CLUBE FILATELICO E NUMISMÁTICO DO ABC 1º ANIVERSÁRIO



ECT - 09000 - SANTO ANDRÉ - 20/25 MAR 72





morações, destaca-se a Exposição Filatélica com o lançamento de um carimbo, com o brasão de Armas do Município e com data de obliteração de 3 a 8 de agosto de 1977. A Prefeitura patrocinou a emissão de uma folhinha particular, para os colecionadores.

Liberdade e Democracia

No dia 8 de maio de 1980, em solenidade realizada na Câmara Municipal de São Caetano, com a participação da Associação do Ex-Combatentes do Brasil-Secção local, acontecia o lançamento do carimbo alusivo aos 35 anos da Vitória dos Aliados na II Guerra Mundial. Com a legenda "Liberdade e Democracia" e ilustrado com o "V" da vitória e a pomba da paz, o carimbo ficou na agência dos Correios de São Caetano até o dia 14 de março de 1980.

(*) Valentio Petrolli é jornalista e advogado, sócio-fundador da Associação Brasileira de Filatelia Temática (Abrafite), da Associação Brasileira de Jornalistas Filatélicos (Abrajof) e do Clube Filatélico e Numismático do ABC. Obteve o título de mestre em Comunicação Social com a dissertação "História da Imprensa no ABC Paulista", no Instituto Metodista, em 1983. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), da União Cristã Brasileira de Comunicação (Ucbc) e da Sociedade Brasileira de Eslavística.



RELAÇÃO DOS CARIMBOS COMEMORATIVOS DO GRANDE ABC

Motivos	Período de Oblição	Local	Desenhista
1953			
1 - IV Centenário de Santo André da Borda do Campo	8.04.1953	Santo André	?
2 - Exposição Filatélica Estadual de Sto. André (lançamento de um selo comemorativo)	8.04.1953	Santo André	?
1960			
3 - 1ª Exposição Filatélica Regional	23 a 31.07.1960	São Caetano do Sul	?
1961			
4 - 408º Aniversário de São Bernardo do Campo	15 a 20.08.1961	S. Bernardo do Campo	?
5 - 150º Aniversário da Matriz de São Bernardo Nossa Senhora da Boa Viagem Padroeira de SBC	12 a 15.10.1961	S. Bernardo do Campo	?
1962			
6 - Inauguração da sede Própria da agência Postal de São Bernardo do Campo	01 a 15.10.1962	S. Bernardo do Campo	?
1964			
7 - XXIX Jogos Abertos do Interior	17 a 25.10.1964	S. Caetano do Sul	?
1970			
8 - Mostra de Selos de Natal - Sto. André (lançamento de um selo comemorativo)	01 a 08.12.1970	Santo André	?
1971			
9 - 13º Aniversário do Jornal Diário do Grande ABC	09 a 31.05.1971	Santo André	Valdenizio Petrolli
1972			
10 - 150 Anos da Independência do Brasil - Prefeitura Municipal de Santo André - Capital do Trabalho	27 a 29.02.1972	Santo André	Valdenizio Petrolli
11 - 1º Aniversário do Clube Filatélico e Numismático do ABC	20 a 25.03.1972	Santo André	Valdenizio Petrolli
12 - 50 Anos da Semana de Arte Moderna - 150 Anos da Independência do Brasil - Prefeitura Municipal de Santo André	26 a 31.03.1972	Santo André	Valdenizio Petrolli
13 - 150 Anos da Independência do Brasil - Prefeitura Municipal de Santo André	26 a 31.03.1972	Santo André	Valdenizio Petrolli
1973			
14 - 2º aniversário do Clube Filatélico e Numismático do ABC	17 a 24.03.1973	São Bernardo do Campo	Valdenizio Petrolli
15 - Exposição Filatélica e Numismático 73 - Prefeitura Municipal de Santo André	08 a 15.12.1973	Santo André	Valdenizio Petrolli
1974			
16 - 3º Aniversário do Clube Filatélico e Numismático do ABC	16 a 23.03.1974	S. Caetano do Sul	Valdenizio Petrolli
17 - 25 Anos da Eletrodiabraz	19.07 a 2.08.1974	Santo André	?
18 - 25º Aniversário do Rotary Club de Santo André	12 a 31.12.1974	Santo André	Valdenizio Petrolli
1975			
19 - Simpósio e Feira do Lazer de Santo André - Sesc e Prefeitura Municipal de Santo André	13 a 21.04.1975	Santo André	Valdenizio Petrolli
1976			
20 - Dia do Rondoniano - Coordenação de Área do ABC	05 a 15.05.1976	S. Bernardo do Campo	Valdenizio Petrolli
21 - Operação Arborizar - Faça Sto. André Respirar	21 a 25.09.1976	Santo André	Valdenizio Petrolli
1977			
22 - 1º Aniversário do Clube Filatélico de São Bernardo do Campo	17 a 23.07.1977	S. Bernardo do Campo	Pedro Mengod Mengod
23 - 1º Centenário da Fundação de São Caetano do Sul	03 a 08.08.1977	São Caetano do Sul	Valdenizio Petrolli
1978			
24 - 20 Anos do Diário do Grande ABC	09 a 15.05.1978	Santo André	Rubens de Mattos G. Filho
25 - 425 Anos de Fundação de São Bernardo do Campo	20 a 27.08.1978	S. Bernardo do Campo	?
26 - 1ª Exposição Filatélica da Semana da Pátria	03 a 07.09.1978	S. Bernardo do Campo	?
27 - 10º Aniversário da Cidade da Criança	12 a 19.10.1978	S. Bernardo do Campo	João Alberto Tessarini
1979			
28 - 25º Aniversário de Ribeirão Pires	19 a 26.03.1979	Ribeirão Pires	Antonio Carlos Pires
29 - 25 Anos de Fundação da CTBC	22 a 29.03.1979	Santo André	Odair Natal Esteves
30 - Dia do Índio	19 a 26.04.1979	S. Bernardo do Campo	Marcos Antonio Lazzarini
31 - XXX Conselho Nacional da União dos Escoteiros do Brasil	29.04 a 01.08.79	S. Bernardo do Campo	Adelck Bistão
32 - 25 Anos da Diocese de Santo André	18 a 25.07.1979	Santo André	Pedro Correia Mendes
33 - 20º Aniversário da Biblioteca Municipal Olavo Bilac	19 a 05.08.1979	Ribeirão Pires	Odair Miguel de Lima
34 - II Exposição Filatélica da Defesa do Meio Ambiente	22 a 28.09.1979	S. Bernardo do Campo	Marcos Antonio Lazzarini
35 - XV Aniversário da Escola Técnica Industrial Lauro Gomes	13 a 19.10.1979	S. Bernardo do Campo	Luiz Humberto M. Marques
36 - Semana do Livro	23 a 29.10.1979	S. Bernardo do Campo	Maria Inês R. Leme e Milce Botegine
37 - Jubileu de Prata do Município de Mauá	03 a 09.12.1979	Mauá	?
38 - 30º Aniversário do Rotary Club de Sto. André	11 a 17.12.1979	Santo André	?
1980			
39 - Associação Desportiva Classista Pirelli	08 a 14.03.1980	Santo André	Ricardo Pertence Gomes
40 - Liberdade e Democracia - 35 Anos da Vitória dos Aliados - Associação dos Ex-Combatentes do Brasil - Seção do ABCDMRPR	08 a 14.05.1980	S. Caetano do Sul	Valdenizio Petrolli
41 - XI Jogos Regionais Litoral, Vale do Paraíba e São Paulo Exterior	03 a 10.07.1980	Ribeirão Pires	Odair Miguel de Lima
42 - 1ª Olimpíada Escoteira de São Caetano do Sul	02 a 08.08.1980	S. Caetano do Sul	?
43 - 50º Aniversário do Clube Atlético Aramaçan	07 a 14.08.1980	Santo André	Valdenizio Petrolli
44 - 500 Anos de nascimento de São Caetano Di Thiene	09 a 16.08.1980	S. Caetano do Sul	Valdenizio Petrolli
45 - 427 Anos de fundação de São Bernardo do Campo	20 a 23.08.1980	S. Bernardo do Campo	Pedro Mengod Mengod
1981			
46 - 25º Aniversário da Revista Notícias Pirelli	24 a 30.04.1981	Santo André	?
47 - Dia Mundial Olímpico Ano-4	14 a 20.06.1981	S. Bernardo do Campo	Mauro Camillo
1983			
48 - 25 Anos do Plano de Sugestões da Pirelli	14 a 19.11.1983	Santo André	?
1984			
49 - 30 Anos da CTBC	22 a 29.03.1984	Santo André	?
1985			
50 - 50º Jogos Abertos do Interior	02 a 08.10.1985	Santo André	?
1988			
51 - 30 Anos de Comunicação - Diário do Grande ABC	09 a 14.05.1988	Santo André	Antonio Ortiz Picazo
52 - 30 Anos de Comunicação - Diário do Grande ABC	09 a 14.05.1988	S. Bernardo do Campo	Antonio Ortiz Picazo
53 - 30 Anos de Comunicação - Diário do Grande ABC	09 a 14.05.1988	S. Caetano do Sul	Antonio Ortiz Picazo

Pioneirismo na luta contra a poluição do meio ambiente

Antônio de ANDRADE (*)

Na atualidade poucos temas conseguem motivar e sensibilizar a população mundial com tanta intensidade como aquela gerada pelas questões relativas à proteção dos recursos naturais e o combate à poluição ambiental em todas as suas formas.

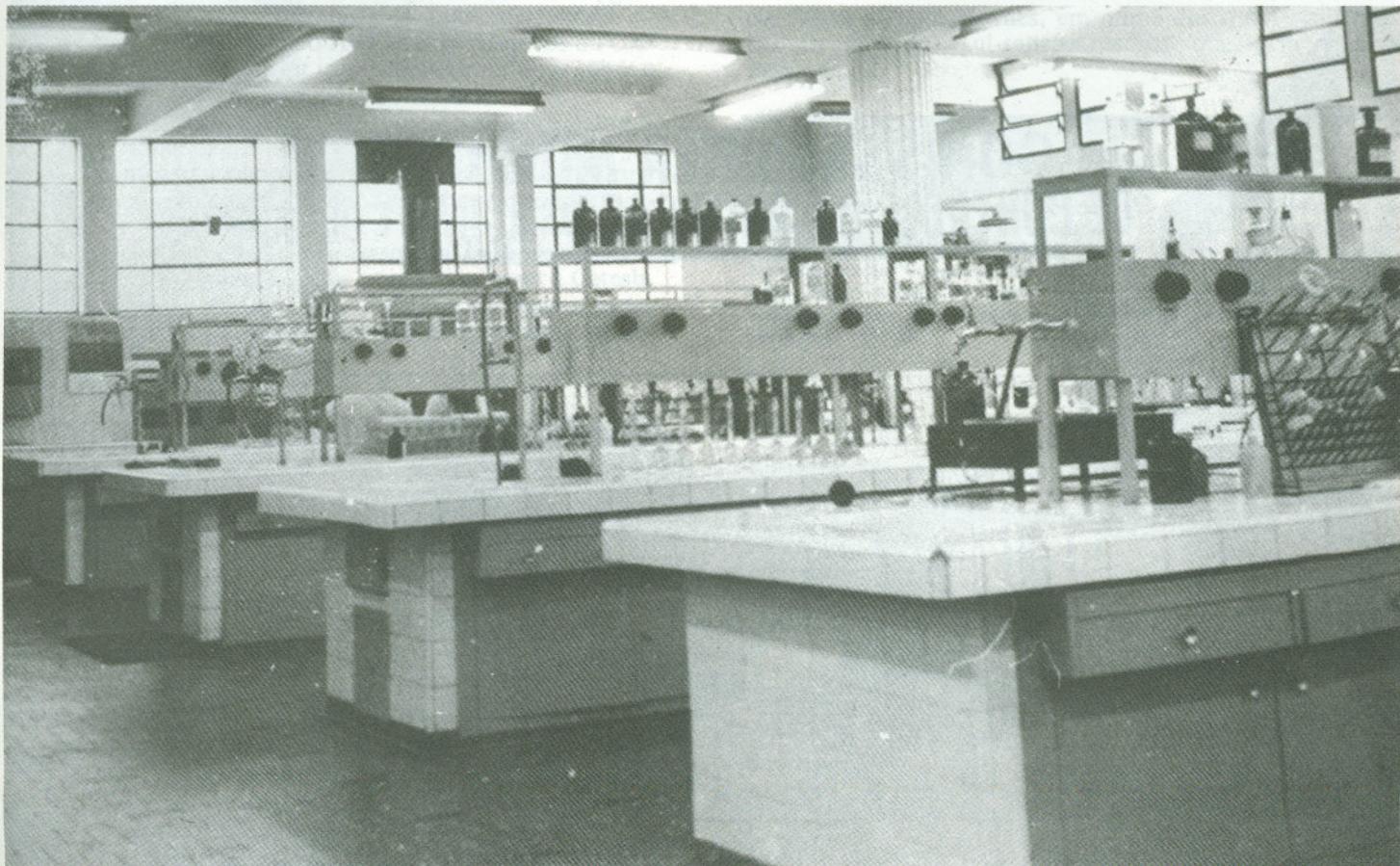
São Caetano do Sul, ao longo de sua história, tem convivido com diversas formas de deterioração do meio ambiente, principalmente aquelas oriundas do processo intensivo e não planejado de implantação de estabelecimentos industriais, e se hoje a situação ambiental da cidade não atinge contornos dramáticos, semelhantes aos experimentados por outras cidades brasileiras, devemos a pessoas abnegadas, esquecidas pelo implacável passar do tempo, que com dedicação e criatividade dedicaram a vida numa luta intensa em favor da natureza numa época que o meio ambiente não passava de uma concepção romântica — às vezes subversidade defesa da vida. Acreditamos ser de importância resgatar a memória deste pioneirismo, num momento tão crítico de nossa situação enquanto nação e cidadãos engajados em superar situações adversas

Em São Caetano as intervenções no espaço físico visando à produção em escala são muito antigas. Registros históricos demonstram que por volta de 1730 os padres beneditinos operavam, às margens do Rio Tamanduateí, no



Equipamentos para avaliação da qualidade do ar instalados pela Ciepaa, em 1965, no alto do Paço Municipal de São Caetano do Sul.

atual Bairro da Fundação, em terras doadas por Duarte Machado e pelo célebre bandeirante Fernão Dias, uma olaria que produzia telhas e tijolos que eram comercializados em São Paulo, sendo para tanto transportados pelo Tamanduateí até o chamado Porto Geral (daí a existência no coração de São Paulo da Ladeira com este nome), nas proximidades do atual Parque D. Pedro II.



Vista parcial dos Laboratórios da Ciepaa em São Caetano do Sul.

Estação de Ciepaa no alto do Paço Municipal — Bairro Fundação



Laboratório volante a Cicipaa utilizado para amostragens da qualidade do ar e das águas em locais isolados ou por períodos longos de trabalho em áreas inacessíveis ou sem a possibilidade de acesso à Energia Elétrica.

Quase um século e meio após chegam em 1877 os primeiros imigrantes italianos que encontram no local, em funcionamento, uma pequena fábrica produtora de sabão e vela, ali instalada pelo Comendador José Coelho Pamplona. Esta mesma fábrica seria adquirida em 1918 por um imigrante italiano cuja lembrança em muito pontua a história do Município: Francisco Matarazzo.

Deixando de lado o histórico da industrialização da cidade, tema para um próximo artigo, e retomando a proposta de resgatar a presença pioneira de São Caetano na luta pela proteção do meio ambiente, cabe lembrar que em 1955, quando do início das operações da Refinaria de Capuava, o grau de poluição das águas do Rio Tamanduateí atingiu tal nível que impossibilitava às indústrias, localizadas nas proximidades do Rio, sua utilização mesmo somente para alguns processamentos industriais que não exigiam água de qualidade ou de potabilidade.

O outrora piscoso Tamanduateí que durante quase um século e meio fora utilizado pelos padres beneditinos da Fazenda São Caetano, estava praticamente morto.

Em julho de 1958, os prefeitos do ABCM, sentindo que somente uma ação integrada poderia surtir efeitos concretos, solicitam ao governo do Estado autorização para a criação de órgão intermunicipal que pudesse atuar nas quatro cidades: Santo André, São Caetano, São Bernardo e Mauá, de forma autônoma, já que havia legislação específica, delegando ao governo estadual tal competência.

Os trâmites foram lentos, mas em 16-08-60 é criada a Cicipaa, sigla da "Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das águas e do Ar".

A inclusão do Controle da poluição do ar deu-se por exigência do prefeito de São Caetano do Sul, na época Oswaldo Samuel Massei, preocupado estava com os rumos da deterioração ambiental em nossa cidade.

Em 1963, a Cicipaa passa a receber assessoria internacional, através das Nações Unidas, desenvolvendo os pri-



Entrada da Cicipaa na Rua Heloisa Pamplona — Bairro Fundação

meiros estudos visando implantar um trabalho sistemático em relação à poluição do ar.

Cabe lembrar que nesta época a palavra poluição sequer constava dos compêndios científicos, inexistindo, na América Latina, qualquer instituição voltada a pesquisar o assunto. A nível mundial, mesmo as grandes potências industrializadas davam os primeiros passos neste sentido.

Por esta época a Prefeitura Municipal de São Caetano estava construindo na esquina da rua Heloisa Pamplona, com Rodrigues Alves, no Bairro da Fundação, o Palácio dos Esportes, e ali foi reservado o "porão", do prédio para abrigar as futuras instalações da Cicpaa, que até então funcionava num pequeno barracão, situado na rua Justino Paixão, em Santo André.

Finalmente em 2 de Abril de 1965 são inauguradas, às 10:30 horas, as novas instalações da Cicpaa, contando com a presença do então governador Adhemar de Barros, e dos quatro prefeitos do ABCM: Fioravante Zampol (Santo André); Higino de Lima (São Bernardo do Campo); Anacleto Campanella (São Caetano); Edgar Grecco (Mauá).

O montante de recursos em equipamentos aplicados no local pela organização mundial de saúde beirava vinte mil dólares, possibilitando a utilização do que havia de mais atualizado em termos de materiais e equipamentos na época.

A partir de então, a Cicpaa começa a avaliar a qualidade do ar na região através de 45 pequenas estações espalhadas pelo ABCM. Além destas, duas estações automáticas, inclusive coletando dados meteorológicos, que funcionavam no Paço Municipal de nosso município, e outra na Estação de tratamento de água do antigo DAE, no Riacho Grande em São Bernardo.

Dois anos depois, a Cicpaa passa a operar mais de trinta estações. Desta vez, no município de São Paulo, graças ao convênio com a Secretaria da Saúde do Estado.

Assim, por iniciativa do ABCM e dos técnicos da Cicpaa, São Paulo passou a ter informações contínuas sobre a qualidade do ar, respirado pelos paulistanos.

Mas a ação da Cicpaa não resume-se unicamente a avaliar a qualidade do ar e das águas. Nas instalações da Cicpaa formaram-se inúmeros técnicos e especialistas que hoje desenvolvem suas atividades em diversos Estados do Brasil e mesmo em outros países.

No período de 1965 a 1971, quando foi absorvida pelo Estado, dando origem à Susam e posteriormente à Cetesb, a Cicpaa, desenvolveu intensa atividade na região, especialmente na fiscalização de emissões de poluentes indus-

triais, aplicação da legislação ambiental, elaboração de cadastro industrial da região, avaliação da emissão de poluentes nas chaminés, orientação e assessoria às indústrias quanto à instalação e operação de equipamentos de controle e investiu sistematicamente na formação de seu quadro técnico, com valioso intercâmbio nacional e internacional.

Ênfase especial foi dada na disseminação da informação e procedimentos educativos, com a publicação durante dezessete números do boletim Cicpaa, internacionalmente conhecido pelo seu conteúdo técnico, nos assuntos relacionados à proteção do meio ambiente.

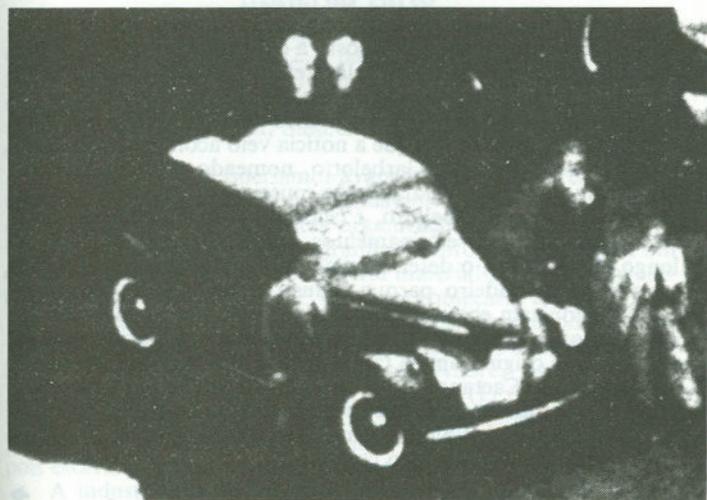
Além de viabilizar o início da luta por um ambiente melhor a Cicpaa nos legou a concepção da possibilidade de um trabalho articulado entre as prefeituras municipais, acima das injunções políticas e interesses personalistas, cabendo uma séria reflexão quanto a esta possibilidade, por todos nós, moradores do hoje Grande ABC.

Cabe ainda lembrar que a Cicpaa demonstrou na prática uma possibilidade concreta de um trabalho sério e socialmente dignificante, entre o setor público e o empresarial, já que a Cicpaa, até 1965, sobreviveu graças a verbas destinadas pelas prefeituras e os próprios industriais, sem que nunca tivessem sido colocados em dúvida os propósitos e lisura de seu trabalho.

Assim foi a Cicpaa, importante contribuição desta região, para atual estágio de controle da poluição ambiental, alcançado no Estado de São Paulo, hoje sob responsabilidade da Cetesb.

Ao encerrar esta rápida contribuição e homenagem à tão significativa iniciativa, cabe lembrar o nome de dois filhos de São Caetano do Sul, que por sua inteligência, dedicação e idealismo dedicaram anos de trabalho profícuo tendo em vista o ideal da defesa do meio ambiente: Mauricio Darré e Hélio Novaes, em nome dos quais rendemos tributo a todos sul-sancaetanenses que pela Cicpaa passaram.

(*) Antônio de Andrade, natural de São Caetano do Sul, é formado em Ciências Políticas e Sociais pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul. É pós-graduado em Saúde Pública, pela Universidade de São Paulo, e em Administração Pública, pela Universidade de Manchester, Inglaterra. Possui Mestrado em Comunicação Social pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, com a dissertação "Comportamento Urbano, Comunicação e Poluição Ambiental: o Caso Bairro Fundação-São Caetano do Sul (1983)". Exerce suas atividades profissionais na Cetesb. É membro do Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC.



Memória do trabalho e do trabalhador

Ademir Medici (*)



Trabalhadores pioneiros da fábrica de curtumes da Matarazzo em São Caetano. Como registrar a memória de cada um?

Um professor de Monte Alegre do Sul (cidade serrana, a 136 quilômetros da Capital) idealizou e construiu, com recursos próprios, a Joelândia. Trata-se da reconstituição de um lugarejo do interior, baseado no Bairro das Mostardas, onde nasceu seu criador, Joel Benedicto de Moraes. A cidade em miniatura é aberta à visitação pública e tem alcançado muito sucesso. Ali podem ser vistos todos os tipos de monjolos, rodas d'água, trabalhadores em plena atividade, capinando, roçando, moendo cana, milho, trigo e também as donas de casa cozinhando.

O professor Joel, aposentado, desenvolveu verdadeira obra de arte, num paciente trabalho de resgate histórico. Falou de sua cidade, de seu bairro, próximos a Amparo. Criou, em objetos móveis, a vida campestre da sua região de origem. Perpetuou, num imenso galpão, a vida de 50 anos passados, e mais, da sua Monte Alegre do Sul. Vale a pena conhecê-la. Basta chegar a Monte Alegre e perguntar. Lá todo mundo sabe onde fica.

E o Grande ABC? A região vive hoje momentos importantes na área da preservação histórica, com uma série de iniciativas, nas sete cidades. O Grupo Independente de Pesquisadores da Memória do Grande ABC tem sido o grande estimulador destes trabalhos, que vão do levantamento de documentos, do recolhimento de depoimentos junto aos moradores, até a coleta de material para os museus e centros de preservação.

É evidente que muita coisa ainda está faltando. Mas é natural também que os passos indiquem estas metas e o momento é mais de estimular do que lançar críticas que, no mais das vezes,

acaba somente estragando um trabalho que tem tudo para dar certo. Principalmente porque, hoje, o Grande ABC tem voltado vistas ao seu patrimônio maior, que é o trabalho e o trabalhador.

Trabalho árduo

As notícias que brotam em São Caetano mostram que o novo governo municipal está disposto a criar uma espécie de museu da indústria. A notícia, dada pelo prefeito Luís Tortorello, foi recebida com muita alegria pelo pessoal do Gipem, que realizou sua última reunião, a 6 de julho, no Museu de São Caetano, no Palacete Denardi. Ainda mais que a notícia veio acompanhada de detalhes através de Oscar Garbelotto, nomeado presidente da comissão que estuda a instalação do museu.

A idéia, disse Garbelotto, é centralizar no Buracão da Cerâmica exemplares de equipamentos industriais que fizeram, ao longo das décadas, o desenvolvimento de São Caetano. Logo se pensou no verdadeiro parque industrial das IRFM, cujos pavilhões agonizam entre o Tamanduaté e Meninos. Mais do que isto: pensou-se na primeira indústria da cidade, a olaria e seus derivados, que originaram as tantas cerâmicas. E se chegou à conclusão que São Caetano vai ter um árduo trabalho para projetar e instalar este museu, mas terá como frutos o resgate da memória econômica e social. Valerá a pena todo o investimento. E não há dúvidas de que a população colaborará.



São João

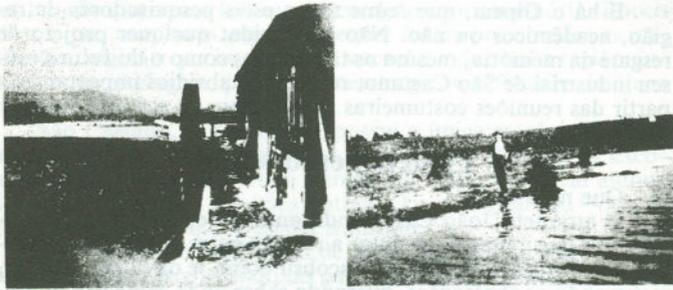
Da Festa de São João, portuguesa, de Paranapiacaba, em 1937, os cânticos brejeiros (cf. O São Bernardo, do-

mingo 11.7.1937, coleção de Valde-nizio Petrolli); *Certa vez eu fui à feira Não sei como isso foi Compro uma vacca leiteira Chego em casa — era um boi! O meu pai ficou trombado Mas a mãe diz: — não faz mal Muge lá esse animal Que em Lisboa bebem tudo.*

Uma canção de Coimbra: *Coimbra p'ra ser Coimbra Três cousas há de contar: Guitarras, tricanas lindas E um estudante a cantar.*

Oh! Portugal trovador! Oh! Portugal das cantigas! O teu fado tem amor Na boca das raparigas...

Reprodução-Luciano Viciano



Moinhos

Os moinhos do ABC. Foram muitos, em todas as cidades. Moinho d'água de lagos que secaram, de rios desviados, de tanques aterrados. Moinhos urbanos como os citados por Chico Buarque na célebre *Roda Viva*: *Roda mundo, roda-gigante*

roda moinho, roda pião O tempo rodou num instante nas voltas do meu coração...

Dá para citar um monte de moinhos. É lagos. Como o lago e o moinho do velho Clube Atlético Aramaçã, lembrados nestas fotos de Helga e Guilherme Paulo Ulmer,

de Santo André.

Que os nossos museus, nossos pesquisadores, se preocupem em recuperar um moinho desses, qualquer um. Para mostrá-lo às crianças da industrializada Grande ABC.



100 anos

Batata. A cultura da batata. Henrique Raffard, há 100 anos, dedicou assunto. E citou

dados da região:

Núcleos	Anos	Litros	Valor
SB	1885	26.400	—
	1888	387.600	46.512\$000
SA	1885	30.750	—
	1888	57.550	6.906\$000
Santana	1885	10.250	—
	1888	162.050	19.446\$000

E escreveu: "Em Santana a produção regular ser de 50 por 1, mas nas terras mais frescas e ligeiramente inclinadas de S. Caetano, as quais eram também melhor estruturadas, têm-se obtido 100 por 1".

E mais: "A base da fortuna pública em Moji das Cruzes e outras localidades do nosso Estado é hoje a cultura da batata. Entretanto, essa cultura não é suscetível de mais ampla extensão, porque não conta com o mercado certo. O frete das nossas estradas de ferro não lhe permite ainda entrar abertamente em luta com a batata do Rio da Prata no nosso principal mercado, o da Capital Federal. E o que aconteceu com a batata, acontece com muito outro produtos da pequena lavoura".



Roda moinho...

Dos tempos coloniais de São Caetano, a roda de moinho no rio dos Meninos de uma antiga fábrica de pólvora de Attilio Tosetti. E dois documentos: a fotografia da roda do moinho, com o menino José Fernando à frente (descoberta por José Perucchi), e o desenho de Myriam Cecília em abril de 1988, com base em depoimento de Casério Veronesi.

O Museu Municipal de São Caetano guardou os dois documentos. E a diretora, museóloga Sonia Xavier, ouviu Elvira Ferraz, a dona Bibi, neta do velho Attilio: "Meu avô foi um dos fundadores de São Caetano, era bolonês... A fábrica de pólvora foi vendida para o Ali-



berti que fabricava botões... Deixei a escola no primeiro ano para trabalhar aos nove anos. Comecei a trabalhar no Aliberti, sem registro. E quando chegava juizes de menores mandavam nos esconder na cascata, embaixo do bambuzal".

Coluna "Grande ABC Memória" defende o resgate da história dos moinhos

O que sobrou

A preservação da memória industrial do Grande ABC sempre desafiou os pesquisadores locais. Isto porque a região vive o seu contemporâneo com base no desenvolvimento industrial. A produção é rica em todos os setores, a partir do trabalho artesanal de pedreiras e olarias até as grandes montadoras de automóveis. Pior: a região, como um todo, nunca revelou o interesse na criação de um museu industrial, com a preocupação de guardar e estudar máquinas, equipamentos e projetos. São Caetano, pois, larga na frente.

Há um outro aspecto: os sete Municípios do grande ABC sempre observaram, distantes, a derrubada de ricas construções que serviram, aos diferentes ramos da indústria. Estas derrubadas costumam ocorrer sem qualquer estudo prévio, indo por terra a própria história da tecnologia aqui formada. Quantas indústrias São Caetano já perdeu? Um exemplo: o que sobrou da Fábrica de Louças Adelina? Talvez apenas as fotos guardadas pela museóloga Sonia Xavier e as histórias de tantos trabalhadores, que estão aí para serem ouvidos.

Em 1987, pelo *Diário do Grande ABC* (domingo, 14-6-1987), tivemos oportunidade de tocar no assunto. Na reportagem, relacionamos fábricas, escolas e outras entidades da região que deveriam ser consultadas neste trabalho inicial de resgate da memória industrial. No total, 82 itens.

Material farto

De São Caetano, na reportagem, citamos estas entidades: Cerâmica São Caetano, 1912, a partir da Cerâmica Privilegiada; Dal'Mas S/A, 1925; General Motors, 1929; Associação Comercial e Industrial, 1938; Villares; Correntes São Caetano, 1947; Senai, 1952; Chocolate Pan; Sindicato dos Metalúrgicos, 1957; ZF do Brasil.

Paramos por aí. Poderíamos avançar mais. Sequer citamos as unidades da Matarazzo. O que quisamos mostrar é que, a partir de um mero contato com estas organizações, estaríamos descobrindo uma infinidade muito grande de informações. Cada um destes organismos por ceto ofereceria material para arquivos técnicos e exposições diversas. E o museu começaria a nascer.

São Caetano tem história, uma história muito bonita. Em 1942, por exemplo, a cidade era a segunda do Grande ABC, com 27.568 habitantes. Perdia para Santo André, onde residiam 38.206 pessoas. E ganhava de São Bernardo (11.651 habitantes), Ribeirão Pires (5.486), Mauá (4.522) e Paranapiacaba (3.293). Diadema e Rio Grande (da Serra) nem apareciam nas estatísticas, pois estavam ligadas a outras povoações.

A industrialização, naquele 1942, já era grande na região.

Santo André tinha 40% das indústrias. E São Caetano se equiparava, com os outros 40%. São Bernardo só tinha 12% das indústrias, Mauá 5% e Ribeirão Pires 3%. O total de operários da região era de 20.466 e a população geral chegava a 90.726. Hoje passamos fácil dos 2,3 milhões de habitantes.

O Grande ABC tinha 844,5 m², 15.121 prédios e 362 fábricas. As principais: Aliberti, Matarazzo, Dalmas, Fornecida 4 Paus, Brasilit, GM, Metalúrgica São Francisco (todas de São Caetano). E hoje, onde estão as informações destas empresas? Os arquivos de cada indústria guardaram estes elementos? Em caso positivo, ótimo. Vamos tratar, então, de reuni-los no museu. Em caso negativo, é tratar de descobrir o paradeiro dos desenhos técnicos à época sigilosos, hoje nem tanto, dada à evolução de cada ramo de atividade.

Mais do que isso: cabe ao futuro museu ouvir os que trabalharam em cada uma destas organizações.

Trabalhadores

E são muitos os que trabalharam. Em 1982, numa outra série de reportagens que escrevi para o *Diário do Grande ABC*, lembro que entrevistei, em São Paulo, na Matarazzo, Renato Latorre, que trabalhou quase 40 anos nos escritórios centrais do grupo, na Capital. Ao longo dos anos, Renato Latorre se acostumou a guardar toda a papelada, registros, datas e documentos que, reunidos, contam, oficialmente, a história deste império industrial, nacional, que chegou a empregar, no seu auge, 40 mil pessoas.

Renato Latorre, à época, cedeu-me uma fotografia fantástica, provavelmente dos operários da primeira geração de trabalhadores da Matarazzo, em São Caetano. Quase todos usavam coletes. Muitos trajavam chapéus e portava, no peito, junto aos coletes, relógios presos por elegantes correntes de ouro. Estes primeiros operários, eram muito sérios, compenetrados. Pelo menos é assim que 80 deles — nenhuma mulher — aparecem na velha fotografia, já amarelada, tirada provavelmente no início da década de 1920.

A foto registra o quadro de trabalhadores de uma das primeiras fábricas do grupo Matarazzo em São Caetano, de curtu-me, desativada em 1936. É a mesma foto que, agora, estou passando para o museu de São Caetano, com alegria.

O que sinto é que não pude ouvir nenhum daqueles trabalhadores. Nem sei se algum deles está vivo. O que sei é que a Matarazzo ainda tem a documentação de cada um. Através desta documentação será possível chegar aos descendentes, ouvi-los, descobrir com eles novos elementos para montar este gigantesco quebra-cabeça da história de um povo, com todos os seus sacrifícios, suas angústias, seus receios mas também com suas alegrias,

seus momentos de camaradagem, sua vontade de construir algo, de viver a vida, enfim.

Quanto trabalho terá o nosso futuro museu industrial de São Caetano.

Imigrantes e migrantes

Mas o que precisa ser sempre dito é que existem muitas fontes de pesquisa, disto ninguém pode duvidar. Os livros de registros de impostos das indústrias e profissões, do velho Município de São Bernardo — a quem pertencia São Caetano — estão todos ali, intactos, para consulta. Eu mesmo já li e reli muitos deles. Cheguei a passar as relações destas empresas todas de São Caetano para a Sonia Xavier. São indicações importantes para a reconstituição destes caminhos da indústria local.

Outra fonte é o arquivo morto da Prefeitura de Santo André, que guarda os processos administrativos de toda a região, inclusive os de São Caetano, a partir de 1929. Cada processo apresenta uma ou mais informações. E os processos de abertura das indústrias, de seu desenvolvimento, são ricos em dados. Basta falar com o museólogo Wilson Stanziani, diretor do museu de Santo André.

Mais uma fonte é a Hospedaria dos Imigrantes, na Capital. Ali é possível levantar a ficha dos imigrantes, inclusive os mais novos, dos anos 60, por exemplo, encaminhados pela hospedaria às indústrias locais. Ir à cata desta informações é estar caminhando e encontro aos elementos que escreverão a história étnica da cidade.

Na Hospedaria dos Imigrantes a grande fonte é dona Midore, uma mulher competente e atenciosa, amante deste trabalho do resgate da memória.

Também São Bernardo do Campo pode ser consultado. O principal projeto hoje do Serviço de Documentação da História Local, ligado ao Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, é escrever o Atlas Étnico, junto com a população, através

de voluntários. O objetivo final é mostrar a formação humana da cidade, os estrangeiros que vieram, a partir dos negros mesclados aos índios escravos tão bem focalizados pelo professor José de Souza Martins, da USP. E mais: os imigrantes (não foram os italianos os primeiros), os migrantes. São Bernardo levanta esta história não só da cidade mas de todo o Grande ABC. A bibliotecária Maria Inês Leme e a socióloga Arlete Cruz podem ser contatadas.

E há o Gipem, que reúne todos estes pesquisadores da região, acadêmicos ou não. Não há dúvida: qualquer projeto de resgate da memória, mesmo os tão amplos como o do futuro museu industrial de São Caetano, receberão subsídios importantes a partir das reuniões costumeiras do Gipem.

Planejamento social

Que mais dizer?

O arquiteto João Casagrandi, andreense, do Gipem, costuma dizer que é preciso levantar a relação entre produção e trabalho da indústria na região. E descobrir como se dava esta relação, registrando os confrontos, buscando saber onde começam os movimentos sociais, até chegar-se à conclusão que os atuais movimentos nada mais são que consequência dos antigos.

Então é preciso preservar no mínimo alguns equipamentos. Catalogar, filmar, pôr no museu. Guardar desenho técnico, que é rico. Reconstruir uma olaria e um moinho d'água no Buracão da Cerâmica, por que não? Os escolares da cidade já viram como se faz tijolo? Ou como se usa da água para a produção artesanal?

Os fatos mostram que a indústria no grande ABC evoluiu sempre sem que os órgãos públicos se preocupassem em estabelecer um cadastro deste trabalho. O planejamento do Poder Público se prendeu sempre a estimular a vinda da indústria, apenas buscando novas fontes de receita. É possível, então, relacionar série de leis de estímulos fiscais, começando pela 95, de 16 de setembro de 1911, que concedeu isenção dos impostos de indústria



O trabalhador da cidade é fonte rica de informações sobre a história local

e profissão e predial às novas indústrias que fossem instaladas no Município, não tivessem similares e que se comprometessem a empregar pelo menos 50 empregados.

Esta lei foi baixada pelo antigo Município de São Bernardo, com abrangência sobre toda a região.

A legislação atraiu, empresas surgiram, cresceram e desapareceram. E nada se guardou sobre a tecnologia desenvolvida. Euclides Rocco, de Santo André, sempre denunciou este descaso, lembrando que nunca houve preocupação com a memória. Rocco afirma que, com raras exceções, sequer foram preservadas as instalações originais que imprimiram vocação industrial à região: indústrias de tecelagem, pequenas metalúrgicas, refinarias de óleos vegetais, fábricas de móveis.

São Caetano, por exemplo, possui a única escola a nível de segundo grau a ensinar o trabalho de cerâmica. Trata-se da Escola Senai Armando de Arruda Pereira, de 1952, que atrai alunos de todo o Brasil e da América Latina. O que se guardou — ou se guarda — daquilo que a escola transmite?

O futuro museu industrial de São Caetano, portanto, poderia nascer desta escola, indo do particular para o geral. Ou então resgatar os passos do famoso Ferro Cálcio Quina Trentini, que teima em resistir e que é natural da cidade. Ou, mais ainda, dar um pulo até meados da década de 30, quando dos acontecimentos em torno da Aliança Nacional Libertadora, posta na clandestinidade e com reflexos diretos na vida de São Caetano. É escolher o tema e iniciar um trabalho que tem tudo para ser brilhante.

(*) Ademir Medici é jornalista, membro do Grupo Independente dos Pesquisadores da Memória do Grande ABC, autor de vários livros sobre a memória local e que responde pela coluna "Grande ABC Memória", da página 2 do **Diário do Grande ABC**.

FERRO QUINA

T R E N T I N I

T R E N T I N I

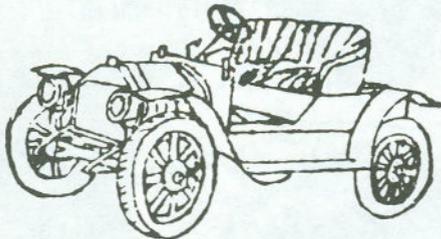
**FERRO QUINA
TRENTINI**

TRENTINI

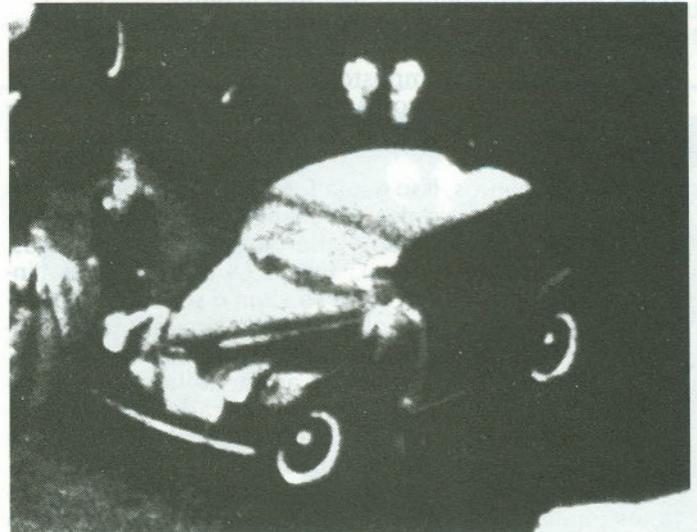
R. RIO GRANDE DO SUL, 963 - FONES: 42-1460 / 42-1461
SÃO CAETANO DO SUL - SÃO PAULO

Ferro Quina Trentini, uma marca ligada diretamente a São Caetano

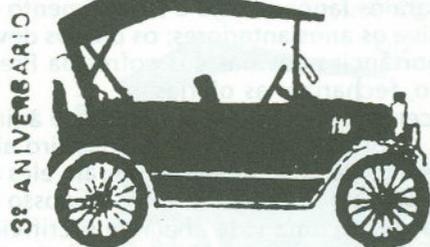
**CLUBE FILATELICO
E NUMISMATICO DO ABC
2º ANIVERSÁRIO**



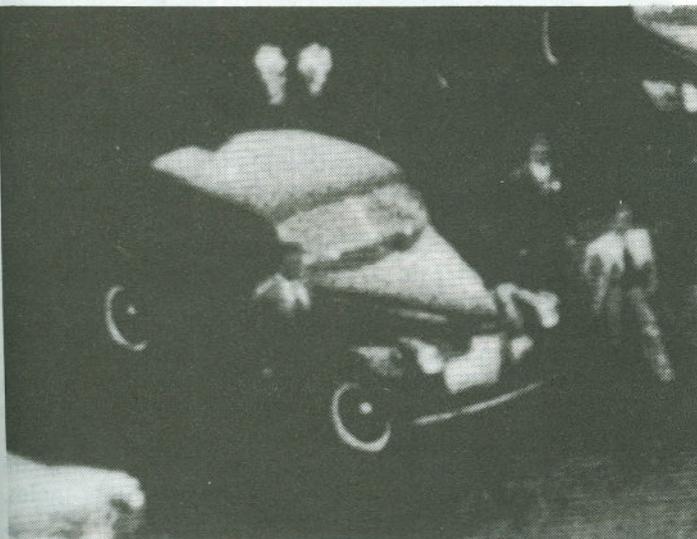
**SÃO BERNARDO DO CAMPO - ECT - SP
17026 DE MARÇO DE 1973**



**CLUBE FILATELICO
E NUMISMATICO
DO ABC**



3º ANIVERSÁRIO **SÃO CAETANO DO SUL**
ECT - SP - 16A23 - MARÇO - 1974



Nicola Perrella marcou uma época

Nicola Perrella, nascido em São Caetano do Sul, filho de Pascoal e Isabel Perrella e desaparecido em 1979, fez seus estudos primários no Grupo Escolar Senador Fláquer. Concluiu seus cursos em São Paulo.

Sempre desenvolveu atividades na comunidade, tendo sido jornalista, presidente da Sociedade Beneficente Príncipe di Napoli, presidente da Associação Comercial e Industrial; fundador e presidente do Clube Esportivo de Caça e Pesca; secretário do São Caetano Esporte Clube. Ativo participante dos movimentos reivindicatórios da cidade, conseguiu trazer significativos melhoramentos para sua terra, tais como o Posto de Arrecadação do Estado, subcentro de Saúde, iluminação pública, etc.

As obras deixadas por Nicola Perrella são **Entre as torbas de São Caetano, Chão feio da natureza bela, De caníço e espingarda, Caneta, espingarda e caníço, Folhas de Burity, O grande espigão e Roteiro da vida de um homem público.**

Entre as torbas de São Caetano é considerado o melhor retrato social de São Caetano do Sul, a partir de 1900, com suas autênticas expressões italianas, que caracterizavam o modo de viver da época. É dessa obra o texto transcrito abaixo.

Imposto Alvorçado ...

Certa manhã, as olarias do terreno do "banco" apareciam todas alvoraçadas, os oleiros haviam paralisado seus trabalhos; algumas coisa de anormal estava se verificando com eles.

Dois homens, regularmente trajados, de aspecto bem apresentável, adentravam pelas olarias, procurando pelos donos; estes, imediatamente compareceram à presença deles solicitando o que desejavam...

— Os senhores estão na presença dos fiscais da Prefeitura de S. Bernardo, — teriam dito com certeza — Aqui ninguém paga impostos?... Temos ordens de parar as olarias, caso os senhores não pagarem os impostos devidos... Em nossa ficha de cadastro não constam estas olarias...

Para os oleiros, isso devia ter sido igual a uma ducha d'água fria... No meio desses recantos quase desconhecidos, nada mesmo podiam saber sobre isso... Impostos, entre toda aquela rudeza... Impostos para aquelas "indústrias" tão primitivas, onde só viam o sol e as noites repicando as formas de tijolos, impostos para aqueles homens que apenas sabiam do que era barro e argila... Parecia a eles incrível esse meio de arrancar-lhes seu rico dinheiro; não seria admissível serem cançados com tais impostos nesse fim do mundo... mas, realmente, ali estavam os representantes do fisco municipal.

As conversações acaloraram-se, falavam em voz alta, os pipeiros, tijoleiros e até os caçambeiros deixaram seus serviços, a fim de assistirem à discussão; parecia mesmo que não precisavam os representantes do fisco determinarem a paralisação das olarias; eles, diante do que se passava não mais trabalhavam.

Aqueles representantes da Prefeitura de S. Bernardo ali estavam para os lançamentos e recolhimento dos impostos, inclusive os anos anteriores; os oleiros deviam recolher as importâncias devidas aos cofres da Prefeitura. Caso contrário, fechariam as olarias.

De uma certa forma, houve alteração de ânimos... o imposto para os oleiros parecia um verdadeiro absurdo; deviam ter isenção desse imposto, pois eram eles que enviavam materiais para todos os recantos de nosso Estado, eram eles que viviam uma vida cheia de sacrifícios, desconhecendo a parte exterior do "seu mundo", não seria possível uma tal coisa... estavam realmente aborrecidos com isso, sentiam-se revoltados, os tijolos nesse tempo



eram vendidos à razão de nove a dez mil réis o milheiro, achavam descabível o imposto que ia taxá-los, mas os fiscais mantiveram-se irredutíveis, os impostos deviam ser pagos de qualquer forma, parecia não haver outro jeito não...

O descontentamento fora geral, ninguém mais queria trabalhar; acharam os oleiros, que tal imposto vinha acarretar-lhes uma enorme crise... não podiam arcar com tal responsabilidade, eram vinte mil réis por ano que deviam recolher à Prefeitura.

E assim, depois de uma longa conversa, depois de verificarem a notificação de recolhimento, inclusive os anos anteriores — e achando mesmo um absurdo tal imposto — as olarias iam paralisar por conta própria até solvência posterior; por isso, não mais iam fazer tijolos.

E, de fato, após aqueles representantes da Prefeitura terem se retirado, — mas com uma advertência de fechamento — as olarias paravam realmente; o aspecto tornava-se triste e desolador; aparentava uma suposta greve dos oleiros; penetravam inconscientemente para o setor de verdadeiros grevistas.

No dia seguinte, apareciam novamente aqueles senhores, munidos das respectivas notificações para os recebimentos dos impostos, mas nas olarias apenas encontraram algumas mulheres que terminavam algum trabalho que havia sido abandonado, ninguém mais se encontrava ali, os homens não apareciam em parte alguma...

Os homens estranharam tal fato. Não seria possível os oleiros abandonarem tão rapidamente esses serviços. Com certeza deviam estar em suas casas... por isso, logo seguiram em direção às residências. Mas apenas encontraram algumas crianças que brincavam nos terreiros; dos homens nem sinal; os fiscais sentiram-se aborrecidos com isso, fizeram aquela longa caminhada até os domínios dos "napolitanos", para não os encontrar ali... Não se iam dar por vencidos... esperariam até eles voltarem...

Depois de longa espera, os oleiros vinham aparecendo ao longe, parecia que os mesmos cantarolavam... Vinham alegres de volta para suas olarias, os fiscais nada sabiam do que realmente estaria se passando... No dia antes, pareciam aborrecidos, agora cantavam alegremente... O que se passaria com eles? Era isso que talvez aqueles representantes do fisco deviam ter dito, talvez fossem mesmo essas palavras que teriam pronunciado...

Na realidade, toda aquela gente voltava alegremente para suas olarias, seus objetivos estavam vencidos, haviam alcançado uma coisa que nunca souberam, dava a

impressão que haviam conquistado uma vitória... Entraram em acordo com a Prefeitura de pagarem somente cinco mil réis por ano. Mas dos anos anteriores nada iam pagar, o "prefétu" isentara-os daquele imposto.

Nesse mesmo instante as olarias iam reiniciar os seus trabalhos, os representantes do fisco intervieram rapidamente... nada sabiam dos acordos... por isso, ouviram dos "napolitanos" mais ou menos isto:

— Andate via... giá abiamo pagatu tuto... Intrêmunus acórdu cum lá Prefetúra ... Taquí us nóstru recibu...

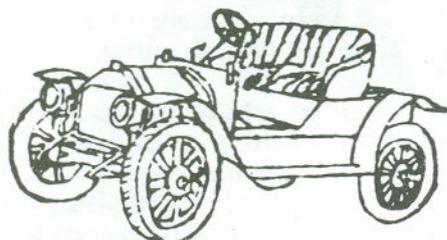
E foi assim mesmo. Dali para a frente, as olarias iam ser tributadas com o "elevadíssimo" imposto de cinco mil réis por ano, e realmente era mesmo um imposto elevadíssimo...

Mas, o fato realmente *sui generis* foi aquele em que, em virtude de pagarem impostos dali para frente, os tijolos iam ser acrescidos em seus preços, os tijoleiros, pipeiros e caçambeiros, visto esse aumento nos preços dos "matoni", também pleitearam um "aumentozinho" em seus salários... A vida parecia um tanto cara...

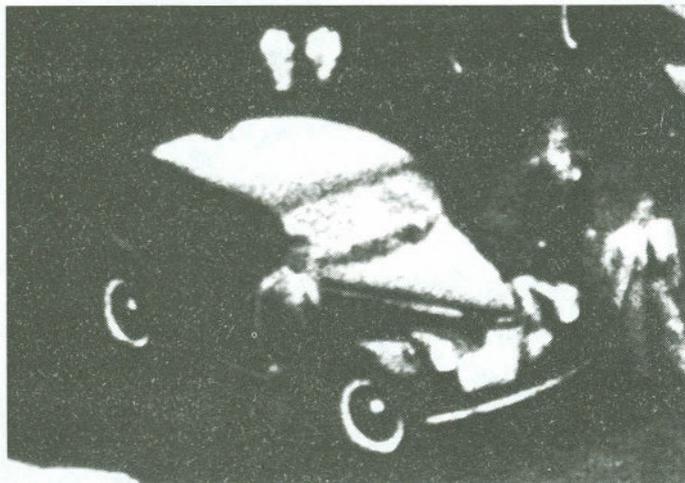
E dessa forma, pareceu que dali para frente estaria aberta uma "brecha" para, de vez em quando, vir a reclamação do "ganhar pouco"... e os tijolos por sua vez, também iam tendo o seu aumentozinho, embora aos compradores considerassem sempre cada vez mais caro...

Assim, aquela história dos impostos dera margem para a elevação dos salários ou ordenados, as telhas e tijolos sofreram os mesmos impactos e, dessa maneira, parece-nos que tudo continuara do mesmo jeito, até às páginas de nossos dias, só que agora se disputa desenfreadamente a corrida entre os salários e o custo de vida. Esta, então, parece nunca chegar realmente à sua meta.

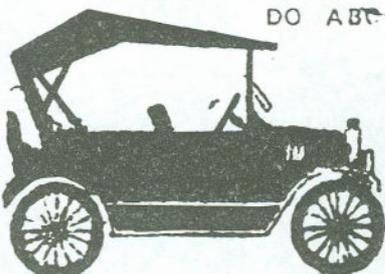
CLUBE FILATELICO
E NUMISMATICO DO ABC
2º ANIVERSÁRIO



SÃO BERNARDO DO CAMPO - E CT - SP
17 de MARÇO DE 1973



CLUBE FILATELICO
E NUMISMATICO DO ABC
3º ANIVERSÁRIO
SÃO CAETANO DO SUL
ECT - SP - 16 A 23 - MARÇO - 1974





Reportagem

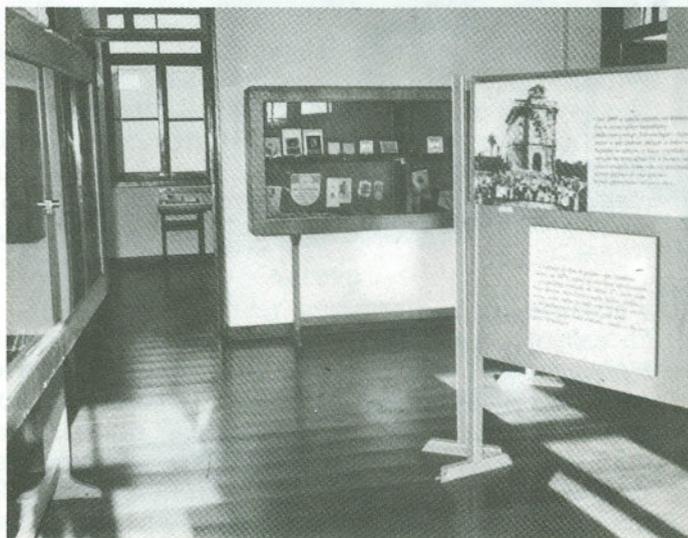
Museu Histórico elabora amplo programa para 89

“Não há sociedade sem história”. Com essa filosofia, o Museu Histórico da Imigração Italiana Oswaldo Samuel Massei, vem trabalhando, desde 1977, no resgate da memória da comunidade de São Caetano. Instalado, desde dezembro passado, no Palacete De Nardi (Rua Maximiliano Lorenzini, 258, Bairro da Fundação), o museu tem a finalidade de registrar e preservar documentos e objetos relacionados com o desenvolvimento da cidade desde o tempo dos primeiros gentios, das olarias, dos imigrantes italianos e da autonomia até os dias atuais.

O museu é dirigido pela museóloga e professora Sônia Maria Xavier, que tem um programa de atividades projetado para este ano. Visa comemorar os 40 anos de instalação do Município de São Caetano, o centenário da criação do Município de São Bernardo (atual Grande ABC), os 112 anos da fundação da cidade, os 41 anos da autonomia de São Caetano, o centenário da Proclamação da República e o centenário da Bandeira Brasileira.

“Vamos continuar com nosso trabalho de visitar as famílias tradicionais e personalidades, com o objetivo de registrar suas contribuições para o desenvolvimento de São Caetano”, observa a professora Sonia.

Com intensas atividades culturais, o Museu Municipal tornou-se, nos últimos anos, um dos pontos de visita de pesquisadores e estudantes. “Além da exposição permanente, o museu possui uma reserva técnica riquíssima, que é uma fonte







inesgotável de pesquisa. É com alegria que, constantemente, recebemos visitas de pesquisadores — geralmente, universitários em fase de preparação de teses, estudantes de 1º e 2º graus que desejam conhecer um pouco mais da História de sua cidade e de antigos moradores que vêm matar saudade” — afirma a museóloga.

Acervo

Além de mostrar vários tipos de objetos e utensílios, o museu dispõe de várias coleções de jornais, tais como: **O Comércio de S. Bernardo** e **Folha do Povo**, de 1925. Tem, ainda, a coleção completa do **São Caetano Jornal**, o primeiro jornal lançado na cidade, que circulou entre 1928 e 1929. Possui, também, coleção completa do **Jornal de São Caetano**, que iniciou a circulação em

1946, com objetivo de lutar pela autonomia, além de várias revistas e jornais que circulam na região.

O museu tem uma coleção encadernada de todos os anais da Câmara Municipal, desde a primeira sessão, ocorrida em 3 de abril de 1949. O acervo é proveniente de doações particulares ou que foram transferidos de diversos setores e departamentos da Prefeitura e Câmara Municipal.

“Estamos solicitando à comunidade que contribua com o museu com empréstimos de doações de objetos, fotografias, jornais, roupas, filmes, vídeos etc. Todas as doações são registradas em livros próprios com o nome de seus doadores” — comenta a diretora.

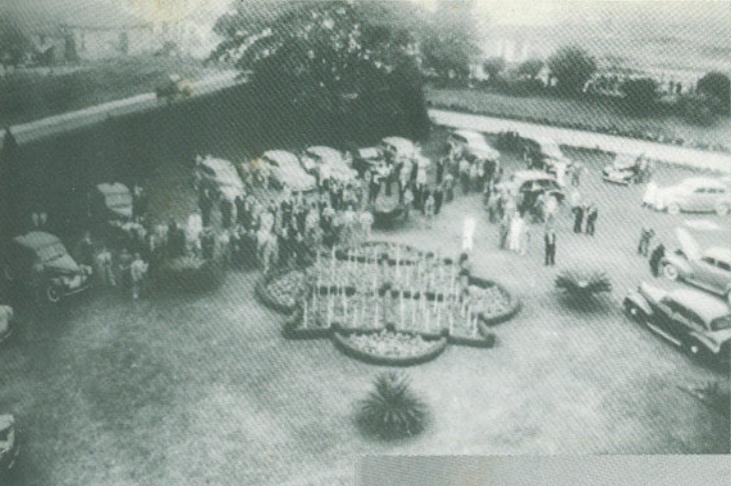
Palacete De Nardi

O museu está instalado num casarão construído no século passado por Celeste De Nardi, um dos primeiros imigrantes italianos a chegar a São Caetano. Celeste era possuidor de uma grande bagagem na construção civil, e foi o construtor de sua própria casa. Mais tarde, casou-se com Lorenzina Gava, e passou a residir no casarão, onde nasceram seus quatro filhos. Posteriormente, a residência foi utilizada como escola primária, sede de clube esportivo e, nos anos 80, estava completamente abandonada.

Diante do seu valor histórico, o ex-prefeito Walter Braido desapropriou o imóvel e efetuou a restauração do Palacete com orientação técnica do Condephaat, recompondo sua originalidade. Foram restauradas janelas, portas e outros detalhes como eram no final do século passado. Com auxílio dos descendentes de Celeste De Nardi, a restauração foi elaborada de forma artesanal, para preservar a originalidade da construção.

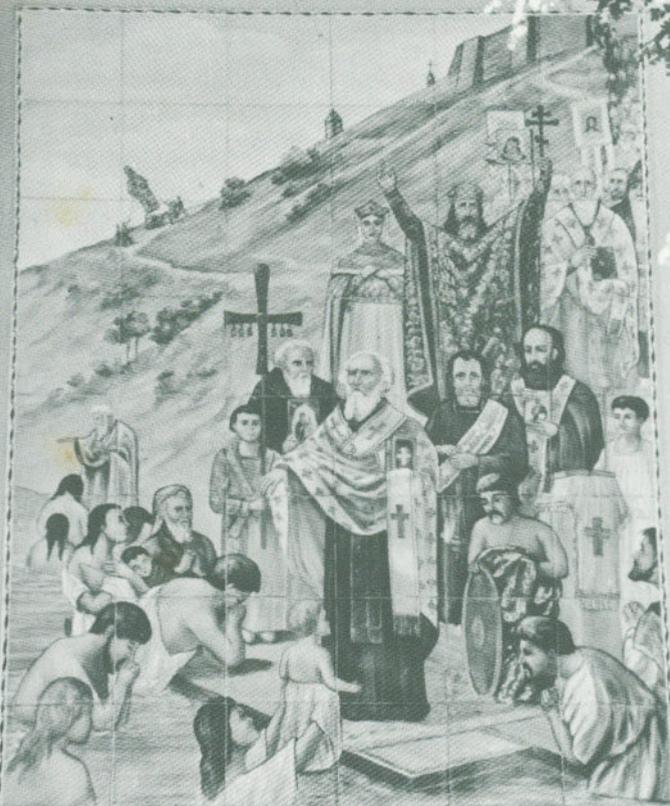
O Palacete De Nardi, que abriga o Museu Municipal, está aberto à visitação de terças a domingos, das 14 às 17 horas. As visitas e consultas ao acervo são gratuitas.





Jardins da General Motors do Brasil, na década de 20

Indústrias Aliberti Ltda.: funcionários e vista das instalações (foto sem data)



Placa de azulejos comemorativa dos mil anos de cristianização dos eslavos do Estado kievano, existente na entrada da Igreja Ortodoxa situada à rua Oriente

Fábrica Pamplona: foto sem data, dos primeiros anos do século 20

MILÊNIO DE CRISTIANISMO
ТИСЯЧОЛІТТЯ
ПРАВОСЛАВНОЇ ВІРИ,
КІЄВ 988 † 1988
SÃO CAETANO DO SUL

Pátio da fábrica Louças Adelina, nas primeiras décadas do século



